GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
E MATEMÁTICA – PPGECM

VALDIRENE VIEIRA LIMA

ETNOMATEMÁTICA E ECONOMIA SOLIDÁRIA:
Os processos de apropriação e construção do conhecimento

Barra do Bugres – MT

2024

VALDIRENE VIEIRA LIMA

ETNOMATEMÁTICA E ECONOMIA SOLIDÁRIA:
Os processos de apropriação e construção do conhecimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Barra do Bugres, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa de Ensino, Aprendizagem e Formação de professores em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho.

Barra do Bugres – MT

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Wanderley, Valdirene Vieira Lima.
Etnomatemática e economia solidária: os processos de apropriação e construção do conhecimento / Valdirene Vieira Lima Wanderley. - Barra do Bugres, 2025.
82f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino de Ciências e Matemática/BBG-PPGECM - Barra do Bugres - Mestrado Academico, Campus Universitário de Barra do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: João Severino Filho.

1. Etnomatemática. 2. Economia Solidária. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Severino Filho, João. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB CDU 5:374.7

PÁGINA DE APROVAÇÃO

VALDIRENE VIEIRA LIMA

Etnomatemática e Economia Solidária:
os processos de apropriação e construção do conhecimento

Dissertação apresentada à Banca de Defesa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Barra do Bugres, na linha de Pesquisa de Ensino, Aprendizagem e Formação de professores em Ciências e Matemática.

Aprovada em: 05 de novembro de 2024

gov.br Documento assinado digitalmente
JOAO SEVERINO FILHO
Data: 07/02/2025 14:52:19-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Professor Dr. João Severino Filho (Orientador)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

gov.br Documento assinado digitalmente
HELOISA SALLES GENTIL
Data: 10/02/2025 11:23:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Professora Dra. Heloisa Salles Gentil
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

gov.br Documento assinado digitalmente
FLAVIA LORENA BRITO
Data: 10/02/2025 08:43:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Professora Dra. Flavia Lorena Brito
Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT)

Barra do Bugres/MT
2024

DEDICATÓRIA

Dedico este momento ao casal mais íntegro que já passou por esse universo e que tive a honra de chamá-los de pais. Dona Catarina e seu Manoel Deodato, sou mais uma, dos seus filhos que seguiu os conselhos sobre a importância de estudar e compartilhar saberes.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu esposo Antônio Luiz (kathoyo) e meu filho Raul por serem minha base emocional, meu refúgio, meus protetores e incentivadores.

Agradeço minha irmã caçula, Aurinete Vieira Lima, por ser minha base intelectual e inspiração acadêmica.

Minha eterna gratidão ao meu querido orientador João Severino Filho, pela oportunidade de me apresentar ao universo de uma educação humanizadora.

Mando lembranças aos céus para a saudosa professora Maria Benvinda, que me oportunizou caminhar em busca de minha primeira formação profissional (Magistério), demonstrando pra mim que o segurar a mão do próximo é o bem mais necessário que nós humanos devemos deixar como legado nessa nossa passagem pela vida.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM, polo Barra do Bugres – MT, por promover um ambiente formativo que contribuiu muito com a minha formação e com o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço também, à CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio à pesquisa no Brasil.

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre as contribuições da etnomatemática nas oficinas de Economia Solidária na Escola Estadual Gilvan de Souza que oferta a modalidade EJA Uma vez que, a etnomatemática é uma forma de ensino que tem em sua essência, a compreensão e valorização das diversas fontes de saberes e fazeres, existentes em diferentes culturas e grupos sociais que desenvolvem estilos próprios de executar atividades de natureza matemática. O objetivo da pesquisa é observar, como alunos e professores estão gerindo a vida econômica familiar e, se as oficinas de economia solidária contribuíram com algum aprendizado a ser utilizado em sua vida cotidiana. A âncora teórica da pesquisa se constituiu de D'Ambrósio, Severino- Filho, Silva A. A, Paulo Freire, Brandão, Singer, Zart. Ou seja, os eixos conectados foram, Etnomatemática, Saberes Populares e Economia Solidária na EJA. Tem como proposição metodológica uma pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, gravação audiovisual, caderno de campo, análises do projeto Economia Solidária escrito, interagindo constantemente com os sujeitos de estudo, no contexto das oficinas da ES. Justificando a necessidade de repensar esse movimento socioeconômico que estabelece e protagoniza professores e alunos como sujeitos de um metaforsear econômico. Considero então, que as Oficinas de Economia Solidária da escola Gilvan de Souza, além de modificar a vida cotidiana dos estudantes, modificam a própria escola e a comunidade de modo geral, alterando a forma como a comunidade a percebe e como ela se percebe na comunidade, apresentando novas perspectivas da educação escolar, impulsionando para que esses alunos assumam o protagonismo e passam a ressignificar sua própria organização econômica.

Palavras-Chave: Etnomatemática; Economia Solidária; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This research proposes a reflection on the contributions of ethnomathematics in the Solidarity Economy workshops at the Gilvan de Souza State School, which offers the EJA modality. Since ethnomathematics is a form of teaching that has at its core the understanding and appreciation of the various sources of knowledge and know-how that exist in different cultures and social groups that develop their own styles of carrying out mathematical activities. The aim of the research is to observe how students and teachers are managing their family economic life and whether the solidarity economy workshops have contributed any learning to be used in their daily lives. The theoretical anchor of the research was D'Ambrósio, Severino-Filho, Silva A. In other words, the connected axes were Ethnomathematics, Popular Knowledge and Solidarity Economy in the EJA. Its methodological proposition is qualitative research, with semi-structured interviews, audiovisual recording, field notebook, analysis of the written Solidarity Economy project, constantly interacting with the subjects of the study, in the context of the SE workshops. Justifying the need to rethink this socio-economic movement that establishes and protagonizes teachers and students as subjects of an economic metaphor. I therefore believe that the Solidarity Economy Workshops at the Gilvan de Souza school, in addition to changing the daily lives of the students, change the school itself and the community in general, altering the way the community perceives it and how it perceives itself in the community, presenting new perspectives on school education, pushing these students to take the lead and start to reframe their own economic organization.

Keywords: Ethnomathematics; Solidarity Economy; Youth and Adult Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CPT- Comissão Pastoral da Terra

EJA- Educação de Jovens e Adultos

ES - Economia Solidária

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEDUC-MT - Secretaria de Estado de Educação - Mato Grosso

SINTEP - Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Trilhando Caminhos.....23
Ilustração 2 - Caminho percorrido nos momentos da oficina de farinha.....52
Ilustração 3 - Imagens da oficina de sabão..... 57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aulas de matemárica: momentos de problematização.....42
Figura 2 – Aula de matemática.....43
Figura 3 – Aula de Matemática.....43
Figura 4 – Aula de Matemática.....46
Figura 5 – Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza.....47
Figura 6 – Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza.....48
Figura 7 – Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza.....48
Figura 8 – Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza.....49
Figura 9 – Oficinas de chinelo.....52
Figura 10 – Oficinas de chinelo.....53
Figura 11 – Oficinas de chinelo.....53
Figura 12 – Oficina de sabão.....55
Figura 13 – Oficina de sabão.....55
Figura 14 – Oficina de sabão na EE Givamn de Souza.....56
Figura 15 – Oficina de pão caseiro.....57
Figura 16 – Oficina de pão caseiro.....58
Figura 17 – Feira solidária na EE Gilvan de Souza.....60
Figura 18 – Feira solidária na EE Gilvan de Souza.....60
Figura 19 – Feira solidária na EE Gilvan de Souza.....61
Figura 20 – Oficina de horta e viveiro de mudas..... 64
Figura 21 – Oficina de horta e viveiro de mudas..... 65
Figura 22 – Caderno de planejamento da estrutura da horta.....65
Figura 23 – Caderno de planejamento e estrutura da horta.....66
Figura 24 – Oficina de horta, pintura dos pneus para plantação das hortaliças.....66
Figura 25 – Diretora e idealizadora da oficina junto do painel da escola.....67
Figura 26 – Oficina de grafite.....68
Figura 27 – Oficina de grafite.....68
Figura 28 – Estudante e artista Jefferson, em frente ao painel da escola.....69
Figura 29 – Oficina de bijuterias.....70
Figura 30 – Oficina de flores artesanais.....71

Figura 31 – Oficina de flores artesanais.....71
Figura 32 – Oficina de bonecas.....72
Figura 33 – Doces caseiros produzidos pela professora Susana.....73
Figura 34 – Doces caseiros produzidos pela professora Susana.....73
Figura 35 – Produção de sabão.....74
Figura 36 – Aluna fazendo divisão de sabão.....75
Figura 37 – Sabão dividido.....75
Figura 38 – Rede social da aluna Cristiane.....76
Figura 39 – Aluna Ana Paula.....76
Figura 40 – Aluno Cícero.....77
Figura 41 – Instrumento de trabalho esticadeira.....77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 22
2.1 Vozes ecoam a necessidade do futuro repetir o passado 24
2.2 Para fortalecer esse vínculo, parceiros foram conectados 27
2.3 Contexto Social e Perfil Socioeconômico da Comunidade Escolar 28
2.4 DRE/MT-Frequências outras!!! 30
2.5 O pensamento da maioria minorizada na semiologia e temporalidade linear do colonizado 31
2.6 Saberes populares e educação popular: caminhos que se entrelaçam na valorização de conhecimentos e emancipação dos sujeitos 34
2.7 Economia solidária como um projeto pedagógico 38
3 A ETNOMATEMÁTICA EM SUA FUNÇÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL 41
3.1 Os processos formativos e as oficinas de economia solidária 46
3.1.1 Oficina de produção de farinha 47
3.1.2 Oficina de bordados em chinelos 51
3.1.3 Oficina de sabão 54
3.1.4 Oficina: Plantas Medicinais 57
3.1.5 Oficina De Panificação 57
3.1.6 Oficina de Produtos Recicláveis 58
3.1.7 Oficina de Pintura em Tecidos 59
3.1.8 Feira Solidária 59
3.1.9 Coleta de Sementes 61
3.1.10 Oficina da Horta e Viveiro 64
3.1.11 Riscos que constrói 65
3.1.12 Oficina de Grafite 67
3.1.13 Oficina de Bijuteria com Sementes 70
3.1.14 Oficina de Flores Artesanais 71
3.1.15 Oficina de Bonecas 72
4 QUIBANO SUBSTANCIAL DA EXISTÊNCIA ATUAL DE EX ALUNOS DA ESCOLA GILVAN DE SOUZA 73
CONSIDERAÇÕES FINAIS 79
REFERÊNCIAS 81

INTRODUÇÃO

Tenho percorrido ao longo de 26 anos, caminhos educacionais que me transformaram em uma profissional que partilha saberes, memórias, conhecimentos, emoções e lutas. Durante essa caminhada, percebi que é no fazer pedagógico que poderemos contribuir com a melhoria ou transformação da vida de nossos alunos.

Sempre acreditei que minhas memórias têm que ser um lugar de referências, e tenho acumulado boas referências em minha vida profissional. A maior, não por ser a primeira mas por me apresentar ao mundo educacional, foi a saudosa professora Maria Bem Vinda, que deixou um legado de senso de justiça aflorado na pele de cada um e cada uma que teve a sorte de partilhar de suas lutas em busca do bem comum. E foi com essa lembrança que decidi que meu lugar no mundo, é estar do lado de quem eu possa contribuir com o surgimento de novos olhares, para a vida em sociedade, na busca de qualidade de vida exercendo seus direitos.

Surgiu então, a oportunidade de trabalhar na Educação de Jovens e Adultos, modalidade que valoriza e se compromete com a melhoria de vida de homens e mulheres que ao longo de suas caminhadas, tiveram que optar pela sobrevivência, seja ela individual ou familiar e deixaram os estudos em segundo plano. Permaneci neste ambiente educacional do ano de 2011 a 2023, dando aulas para a turma do Primeiro Segmento da Alfabetização e em alguns momentos contribuindo na Coordenação Pedagógica.

Neste período de vivências, pude trocar experiências, aprender sobre assuntos diversos da vida cotidiana dos alunos, como, crenças e valores, receitas, planejamento e organização econômica e presenciei a mudança de rotas, na busca de um firmamento independente. E, foi em momentos como esses que, presenciei lindos trabalhos, desenvolvidos em forma de oficinas pedagógicas. O que me motivou a apresentar para o mundo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Gilvan de Souza, demonstrando através dessas aprendizagens que, a modalidade EJA precisa ser respeitada e valorizada. Não somos descartáveis!

O aluno da EJA é mais um dos trabalhadores Porto Alegrense que contribue para que a vida em sociedade seja um espaço justo e digno para todos. Com isso,

é preciso conhecer como foi o processo de formação da localidade onde esses cidadãos estão inseridos.

A cidade de Porto Alegre do Norte, está localizada na Região do Araguaia. Tem sua origem associada à cidade de Luciara (Mato Verde), quando Lúcio Pereira da Luz primeiro morador de Luciara, juntamente com seus vaqueiros Domingo Medeiros e Ciriaco, em maio do ano 1934, subiram o Rio Tapirapé, até chegarem às terras conhecidas como Porto Beira Rio, onde fizeram seus ranchos a beiro do rio. Cedrolândia local vizinho a Porto Beira Rio, onde já estavam Dionel, Leandro, José Domiciano, Pedro Nonato, José Barula, Pedro Madalena, Claro e Cassiano aguardando Domingo Medeiros e Ciriaco para prepararem a terra para plantar, acabou por se tornar parte de Porto Alegre do Norte (Canuto, 2019).

Comerciantes de Luciara subiam o rio em suas canoas, com muito esforço por aproximadamente cinco dias, e lá vendiam suas mercadorias e logo após as boas vendas faziam festas dançantes cheias de alegria para comemorar. E assim o lugar que era um porto alegre, passou a ser conhecido por este nome e hoje é a cidade Porto Alegre do Norte (Canuto, 2019).

Alguns sertanejos, dos estados de Goiás, Pará e Maranhão também contribuíram com a ocupação em partes das matas e dos campos para construírem suas casas, plantarem suas roças e criarem algumas cabeças de gado. Até 1970 era uma população que convivia por laços familiares, e com a chegada dos fazendeiros, começam as desarticulações dessas terras, onde os posseiros recorreram a igreja católica prelazia de São Felix do Araguaia através de Dom Pedro Casaldáliga (Canuto, 2019).Tornando a partir daí um grupo de resistência fortalecidos pelos padres que ali combatiam as injustiças.

A igreja católica de São Félix do Araguaia desde o momento que foi criada, pautou-se por uma atenção não apenas preferencial, mas radicalmente voltada aos pobres. Mergulhou inteiramente no conflito social ali existente assumindo o lado dos pequenos, dos explorados e espoliados. A prelazia de São Félix do Araguaia foi oficialmente instalada no dia 25 de julho de 1970 e, no ano seguinte, foi ordenado seu primeiro bispo, o padre Pedro Maria Casaldáliga Plá, missionário claretiano.

A presença de Casaldáliga na região do Araguaia tornou-se um marco de enfrentamento pelos direitos a terra, saúde e educação. Suas lutas sempre foram na busca de um espaço onde todos pudessem conviver em harmonia, com seus

direitos sendo respeitados. Lutava para que o pequeno produtor pudesse plantar e colher em sua própria terra. Sem medo de represálias por parte dos grandes Coronéis, permaneceu na Região do Araguaia fortalecendo nos posseiros o sentimento de pertencimento da terra. Encorajando-os pela permanência no seu Lar.

Com a abertura da rodovia BR-158, em 1975, aumentou a circulação de pessoas e a chegada de funcionários que vieram para trabalhar nas fazendas, favorecendo a evolução econômica da localidade. Porém, apenas no ano de 1981 o Decreto nº 5.306, de 11 de junho de 1981, criou o distrito de Porto Alegre, mas só foi desmembrado dos municípios de Luciara e São Félix do Araguaia quando criado pela Lei nº 5.010, de 13 de maio de 1986, com o nome de Porto Alegre do Norte (Canuto, 2019).

O termo "do Norte" teve como objetivo diferenciar o município mato-grossense da capital gaúcha. Mas a lei nº 5.010 tinha um grave erro geopolítico, o território de Porto Alegre do Norte dividia o município de Luciara em dois. E para reparar o erro editou-se a lei nº 5.338, em 18 de agosto de 1988.

O município de Porto Alegre do Norte está localizado na região nordeste do estado de Mato Grosso, entre dois grandes rios, Araguaia e Tapirapé, à margem esquerda do rio Xavantinho afluente do rio Araguaia e no fundo, à margem do rio Fontoura afluente do rio Xingu. É privilegiado por se encontrar na parte central de uma Microrregião formada por 14 municípios circunvizinhos. Sendo o rio Tapirapé um dos principais afluentes do rio Araguaia e que abastece a cidade de Porto Alegre do Norte.

Hoje o acesso ao município pode ser pelas rodovias BR-158, MT-412, MT-437 e até mesmo por avião (coordenada da pista asfaltada S:10º5505 / W:51º3632 1600 m). A ampla economia do município é constituída predominantemente pela agricultura, que está em ampla expansão. Os principais cultivos de grãos são soja e milho. Na área industrial temos armazenamento de grãos, produção de ração animal, óleo degomado e futuramente Álcool. Há dois anos temos a implantação de fruticulturas como maracujá, limão, banana, acerola e mandioca. Ainda temos a criação de gado de corte e leite. E o comércio local é o principal responsável pela criação de empregos, mas com a ampliação do agro, esse cenário vem mudando constantemente. A emancipação se deu em 13 de outubro de 1986, pela Lei

Estadual n. 5.010. Segundo IBGE (2022), a população está registrada em 12.127 habitantes.

Com toda essa mudança de cenário desde a chegada de seus primeiros habitantes, em Porto Alegre do Norte, o que ainda permanece é uma grande massa da população prestando serviços com mão-de-obra barata. Esperava-se que o tal “progresso”, vindo com as grandes empresas iriam melhorar a vida da população, porque era a garantia de empregos. Mas o que se presencia é que, no serviço ofertado pelos grandes empresários, não tem um espaço maior para gerências ou chefias, esses espaços são ocupados por trabalhadores de outros lugares. Ou seja, essa oportunidade de crescimento dentro do próprio ambiente de trabalho ainda é muito pequena. Com isso, temos empresas onde só os ricos ficam mais ricos.

E na contramão deste ambiente, está o pequeno produtor, perdendo espaço ou sendo obrigado a ceder suas terras para que sejam cultivados os grãos em grande escala. Cito obrigados, porque ainda não se vê uma política de incentivo para que o pequeno produtor permaneça na terra e viva dela (plantando e colhendo). Os que ainda resistem, enfrentam dificuldades como, altos preços de insumos, baixo preço de seus produtos, degradação do solo, causados pelos produtos químicos da fazenda de grãos da cerca ao lado.

Porto Alegre do Norte, ainda segue dividido por dois grupos de diferentes ideais. Têm os que seguem a ideologia dos primeiros coronéis, agindo agora de forma maquiada, mas com o mesmo sentimento de superioridade e poder de classe. E do outro lado o grupo que segue os ideais de Casaldáliga, resistindo e fazendo valer os direitos do povo. Fortalecendo os sindicatos, as associações, e as escolas.

Dentro desse contexto de resistência, alunos e profissionais atuantes da escola estadual Gilvan de Souza sofreram um grande impacto com as ações do redimensionamento implantada pelo governo. Surgindo então mais um cenário de lutas por direitos e pertencimento.

Tudo começou quando em 2020 iniciou a política de redimensionamento do atual governo no estado de Mato Grosso, pelo Decreto: 723/2020, que consiste em desobrigar o Estado em relação à oferta de vagas nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e passar para os municípios e em troca o governo assumiria os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Na visão de governo,

esse novo formato em regime de colaboração entre estados e municípios disponibilizará vagas para todos os estudantes.

Segundo SINTEP (2023), cerca de 490 unidades da rede estadual de Mato Grosso ofertavam até 2019, os anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental[1]. Com o decreto nº 723/20, o governo estadual repassou, já em 2021, as matrículas do primeiro ano, desta etapa, para os municípios. A estimativa é que até 2027, toda a etapa seja repassada para os municípios, o que eliminará postos de aproximadamente 3.200 professore dos anos iniciais. E outros 2.700, dos anos finais, que sofrerão alterações nas funções docentes.

Com todo esse manejo político acontecendo, sem medir as consequências de quem sofre essa mudança, o estado tem deixado uma categoria de educadores com muita insegurança, principalmente os pedagogos, que é base do ensino. Boa parte desse grupo está ocupando cargos que não condiz com sua formação, e percebem que os direitos adquiridos durante seu processo de formação profissional estão sendo desrespeitados. Estão se vendo em um cargo temporário, correndo o risco de a qualquer momento serem cedidos para outra rede porque para o governo, já não tem mais com o que contribuir.

Outra parte bastante afetada com o redimensionamento são famílias que antes o acesso a escola era dentro ou próximo do seu bairro e de repente se viram em situações desesperadora em ter que percorrer quilômetros a mais para chegar na nova escola.

Diante de uma visão empresarial, em que a hipocrisia são os olhos do opressor, inicia-se uma sequência de barbaridades na vida dos estudantes, professores e famílias do estado de Mato Grosso. Fecham-se escolas, perdem-se empregos, diminuem-se matriculas, podendo aumentar a evasão escolar.

Mas como todo herói tem o papel de salvador da Pátria e da Ordem, surgem-se então no cenário educacional, as escolas cívico-militares. O decreto que regulamenta a Lei nº 12.388 de 2024 de implantação do Programa Escolas Estaduais Cívico-Militares, define critérios para a ampliação do número de escolas militares na rede estadual de ensino no Estado. A meta é aumentar de 28 para 50 unidades. Segundo o governo, o Programa Escolas Estaduais Cívico-Militares em

[1] Dados do INEP/2019.

Mato Grosso busca promover a integração entre as áreas pedagógica, administrativa e de atividades cívico-militares, visando a melhoria da qualidade da educação básica no estado. Atualmente, há 23 escolas estaduais sob gestão da Polícia Militar e outras quatro sob gestão do Corpo de Bombeiros Militar, além de uma unidade cívico-militar efetivada em 2021, em Cáceres (SEDUC, 21.02.2024).

Na visão de um empresário que visa o empreendedorismo enquanto salvaguarda para a pobreza e o desemprego, o que tem se ouvido, são gritos de socorro, fragilização da categoria, das escolas, das famílias pobres e principalmente o acesso e permanência escolar. Estamos perdendo espaço e vez, mas não perderemos a voz. Precisa-se fazer “o tiro sair pela culatra”.

Diante deste novo cenário em que os alunos da EJA se encontram, resolve-se então, apresentar algumas ações afirmativas desenvolvidas pelo pedagógico da Escola Estadual Gilvan de Souza ao longo de dez anos.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa acerca da etnomatemática como fomentadora de uma economia que se solidariza com o bem-estar de um todo, coletivo e comunitário. Nesse cenário e perspectiva, busca-se pesquisar dois grupos de sujeitos, Alunos e professores da Eduacação de Jovens e Adultos.

A pesquisa objetivou observar, como alunos e professores estão gerindo a vida econômica familiar e, se as oficinas de economia solidária contribuíram com algum aprendizado a ser utilizado em sua vida cotidiana.Problematiza-se então, quais foram as contribuições das oficinas de economia solidária na vida cotidiana desses sujeitos; quais os saberes e fazeres matemáticos, relacionados à Economia Solidária, praticada pela comunidade da Escola Estadual Gilvan de Souza/EJA/MT, proporcionada pelas oficinas formativas realizadas sobre o tema.

Para isso,investigou, se as oficinas de Economia Solidária(ES) foram idealizadoras e/ou deram sustentação prática e estrutural para que, alunos e professores adotassem um protagonismo econômico na vida, e como a Etnomatemática na escola forneceu elementos sustentáveis para um pensar e agir de autogestão para a solidariedade econômica entre esses alunos e professores. Precisou-se então de revisitar cenários na zona rural e urbana para entender quais saberes adquiridos por esses alunos durante a realização dessas ofcinas.

A âncora teórica da pesquisa se constituiu de D’Ambrósio, Severino-Filho, Silva A. A, Paulo Freire, Brandão, Singer, Zart. Ou seja, os eixos conectados foram,

Etnomatemática, Saberes Populares e Economia Solidária na EJA.

Justifica-se essa pesquisa na perspectiva da economia solidária sob a lente da etnomatemática contribuir com a produção de conhecimentos básicos que garanta a dignidade social e econômica de sujeitos da EJA.

Trouxe como proposta metodológica, entrevistas semiestruturada com alunos e professores, gravação audiovisual com os professores entrevistados, caderno de campo para anotar informações relevantes durante a entrevista, análises do projeto Economia Solidária,busca aos arquivos fotográficos escolar a fim de selecionar as fotos a serem utilizadas na apresentação da pesquisa, interagindo constantemente com os sujeitos de estudo, no contexto das oficinas deEconomia Solidária.

O texto está organizado em Introdução, capítulo II, capítulo III, capítulo IV e Consideraçôes Finais. No capítulo II apresento *os procedimentos metodológicos* percorrido com diferentes estudantes e em diferentes cenários; o texto:*Vozes ecoam a necessidade do futuro repetir o passado*, traz um momento de reflexão com alguns professores idealizadores das Oficinas de Economia Solidária na escola, sobre o envolvimento dos alunos nesse fazer pedagógico e a importância do aprimoramento desses saberes; Revisita o PPP da escola a fim de compreender a conjuntura atual da comunidade Gilvan de Souza; Discorre também sobre a Gestão de governo que prioriza o marketing político empresarial e desconhece os princípios educacionais; traz uma reflexão sobre a importância dos Sabereres Populares para a educação pública e apresenta logo em seguida um texto sobre os processos de desenvolvimento da Economia Solidária no Brasil e sua participação e importância para a educação.

O capitulo III, *os processos formativos e as oficinas de economia solidária*, revisita através de Figuras e relatos, as oficinas que geraram aprendizagens e enriqueceram o fazer pedagógico da Escola Gilvan de Souza no decorrer desses dez anos. Apresenta a etnomatemática como perspectiva sócio-cultural na construção de aprendizagens mais significativas. Pesquisa de cunho qualitativo, com práticas e pesquisas de campo, buscando compreender a difusão dos saberes e conhecimentos de todo um grupo de ex-estudantes e suas pulsões de comportamentos que os levaram a atual condição de economia solidária.

O capítulo IV, *a etnomatemática e sua função pedagógica e social*, discutem

a importância de utilizar teoria e prática, para a difusão de saberes, oportunizando o aluno a se envolver diretamente nas pesquisas, descobertas, experiências e decisões coletivas. E seguindo no mesmo capítulo, segue o texto: *Quibano substancial da existência atual de ex-alunos da escola Gilvande Souza*, apresenta como estão algumas personagens importantes nessa caminhada e em qual situação econômica e solidária elas estão se organizando atualmente.

Nessa perspectiva, ao longo desses anos, a Educação de Jovens e Adultos na Escola Gilvan de Souza, tem se firmado como uma modalidade humanizadora, onde valoriza os múltiplos saberes e oportuniza o aluno a ser o protagonista de seu fazer pedagógico e gestor de suas decisões profissionais e familiares.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa percorreu um caminho desafiador, pesquisa de cunho qualitativo, com entrevistas semiestruturadas, com práticas e pesquisas de campo, gravação audiovisual, caderno de campo buscando compreender a difusão dos saberes e conhecimentos de todo um grupo de ex-estudantes e professores e análises do projeto Economia Solidária escrito. Vale ressaltar que este trabalho passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), assegurando o uso de imagens apresentadas nesta pesquisa, interagindo constantemente com os sujeitos de estudo, no contexto das oficinas da ES.

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo,2001,p.22).

Toda investigação se inicia por um problema, com uma dúvida ou com uma pergunta que é articulada a conhecimentos anteriormente obtidos e podem demandar a criação de novos referenciais que surgem a partir do objeto investigado devido à ampliação do conhecimento adquirido mediante os estudos. O trabalho focou no processo bem mais que nos resultados, entretanto, concebeu os resultados como consequência de toda uma conjuntura de análise entre o passado e o presente.

Ilustração 1 – Trilhando Caminhos



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Como início do trabalho, foquei nos primeiros personagens da pesquisa, ou seja, dois professores, que por longos anos, ministraram as oficinas de economia solidária na escola Gilvan de Souza. Através de um bate papo cheio de boas lembranças, passamos a dialogar e, já sabendo do futuro fechamento da escola, usaram a entrevista como eixo para levar suas vozes a ecoarem pelo mundo por meio dessa escrita.

Revisitei o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a fim de, compreender como as oficinas estavam descritas e concebidas filosoficamente no PPP. Busquei os arquivos de imagens das oficinas para visualizar as oficinas de anos atrás e as mais recentes, garantindo assim a veracidade dos fatos e consequentemente demonstrar a importância da interação entre alunos e professores nesta modalidade que é a Educação de Jovens e Adultos.

Compreendendo sobre a importância de ouvir os estudantes, personagem central de toda essa caminhada, realizei visitas em diferentes cenários. Alguns em distância aproximada a 14 km, pois são moradores das chácaras vizinhas a cidade e quando estudavam tinham aulas presenciais e online, sendo encaminhadas atividades extraclasse.

As visitas aos ex-alunos que moram nas chácaras ocorreram com a intenção de observar como estão gerindo a vida econômica familiar e, se as oficinas de economia solidária contribuíram com algum aprendizado a ser utilizado em sua vida cotidiana.

A primeira visita foi na chácara Boa Sorte residência do ex-aluno do Primeiro Segmento da EJA, seu José Enésio Lopes, onde me apresentou suas técnicas de medição para fazer cerca. Em um segundo momento, visitei a chácara Vitória Régia do aluno Cícero Lima Coelho, também estudante do Primeiro Segmento da EJA. Nesta oportunidade, o aluno apresentou suas técnicas para tirar estacas de uma árvore dando como referência um exemplo muito curioso e bastante interessante.

Na zona urbana, a intenção foi analisar como estão organizados os ex-alunos economicamente e instigar sobre a existência de alguma relação com os aprendizados adquiridos nas oficinas de economia solidária como eixo potencializador a socialização e sobrevivência econômica de toda uma comunidade.

Com base nesta busca, procurou-se identificar o conhecimento existente neste grupo de alunos, detentores do saber e que nos guiará a explorar novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

2.1 Vozes ecoam a necessidade do futuro repetir o passado

A Escola Estadual Gilvan de Souza que oferta a Modalidade Educação de Jovens e Adultos, vem se firmando ao longo desses anos como um espaço escolar que visa a inclusão através da valorização do saber popular. Assegura ao aluno um processo de aprendizagem que o orienta a dar seguimentos nas ações cotidianas. Isso é percebido principalmente em decorrência do desenvolvimento do Projeto Economia Solidária. Projeto este que através de suas oficinas pedagógicas, vem contribuindo com a geração de renda do aluno, que resolve dar continuidade ao aprendizado adquirido nessas atividades.

O Projeto Pedagógico Economia Solidária, surgiu na Escola Estadual Gilvan de Souza em 2010 com o objetivo de resgatar a cidadania e fortalecer a qualificação profissional dos alunos, seja na vida cotidiana ou no mercado de trabalho, a fim de reduzir as desigualdades econômicas existentes em nosso município. Compreende- se que o desenvolvimento de capacidades e habilidades durante a fabricação de produtos ou alimentos, possa capacitá-los e incentivar a sair da condição de apenas consumidor para a de também, produtor. Seja com um pensamento empreendedor em grande escala, ou, como um microempreendedor.

E é através deste viés democrático que se incentiva o firmamento de uma cultura solidária composta de saberes populares e científicos, incrementados com ciências e suas tecnologias. Demonstrando assim que, uma educação comprometida com as transformações sociais e igualdade de direitos, empodera e fortalece sua comunidade.

E uma das estratégias de ensino aprendizagem, foi a organização por bloco de variadas atividades, onde cada área de conhecimento assumia uma oficina e durante o processo o professor esclarecia as dúvidas que surgiam. São inúmeras as oficinas pedagógicas realizadas na Escola Gilvan de Souza, ao longo desses anos, e em todas as ações o aluno foi o protagonista, tendo a oportunidade de aperfeiçoar seu aprendizado e dar uma nova versão a sua produção. Ao reviver

essas práticas pedagógicas, buscou-se uma maior compreensão do aprimoramento desses saberes na visão dos personagens dessa trajetória estudantil, que são alunos e professores da escola Gilvan de Souza.

A atmosfera da dialogicidade com entrevistados foram nutridas de respeito, acolhimento e parceria, uma vez que todos envolvidos nessa pesquisa se conectam há anos na mesma unidade escolar, assim sendo, não percebemos momentos de constrangimento ou exposição profissional. O diálogo permeou acerca de muitas memórias já vividas entre nós e (ex) alunos com temáticas como:

✓ Projetos integrados com CPT, Projeto Terra Viva, CNBB, Rede de Sementes.

✓ Oficinas de Panificação, Material de Limpeza, Remédios Caseiros (xaropes, chás, temperos, hortaliças).

✓ Renda extra

✓ Gastos

✓ Sustentabilidade

A entrevista ocorreu na unidade escolar Gilvan de Souza, de modo presencial. Nosso bate papo aconteceu primeiramente com o professor Justiniano P. Sales da área de Humanas com mais de 20anos de experiência docente, dentre eles 11 anos somente na educação de Jovens e Adultos.

Nosso diálogo inicial estendeu o percurso da economia dos alunos antes e pós os projetos de Economia Solidária na escola. "*Quando eles os alunos, chegaram aqui, perceberam logo que podiam trazer materiais de casa para juntos produzirem também em casa e poder diminuir os gastos tem alunos que até hoje faz panificação para sobreviver [...]" (Justiniano P. Sales, Entrevista).*

Durante o diálogo, o professor relatou um olhar positivo nos resultados dessas ofertas nas oficinas, principalmente em saber que, em parte, está havendo uma sustentabilidade financeira na vida cotidiana do aluno.

Ao aprofundar o nosso bate papo, lembrou-se dos parceiros que vem contribuindo com as ações da escola ao longo dos anos. E uma das principais parcerias que a escola tem firmado, é com a Rede de Sementes. Pois é um projeto voltado ao pequeno agricultor no fortalecimento da produção e comercialização desses produtos.

“Rede de sementes beneficia o pequeno agricultor” (Justiniano P. Sales, Entrevista). Essa afirmação se dá a partir de um olhar voltado aos benefícios que essa parceria poderia trazer aos nossos alunos agricultores, uma vez que ao fazermos visitas em uma chácara que estava inclusa no projeto do plantio de sementes, percebeu-se o universo de informação, retorno financeiro, produtividade e conhecimento econômico que o projeto oferece.

> *Precisamos resgatar essas práticas de modo mais intenso, porque percebo que hoje os trabalhos estão tímidos, pisando em ovos, porque as políticas atuais do Estado dentro da escola não deixam fluir essas questões mais, e a gente sabe que isso é importante na vida dos nossos alunos [...] (Justiniano P. Sales, Entrevista).*

Em um momento de reflexão, o professor, relata o enfraquecimento de algumas ações devido à falta de incentivo, desvalorização do saber popular e desmerecimento cultural de um grupo de Jovens e Adultos que apesar de ter em sua trajetória alguns obstáculos para o acesso e permanência escolar, vinha se reinventando e compreendendo que a educação é um dos caminhos que possibilita maiores oportunidades de aprendizagem. E que se não nos atentarmos para esse momento político crítico, vivenciado nas escolas, principalmente de EJA, em que estamos inseridos, poderemos perder toda uma prática pedagógica de enfrentamento a pobreza que as oficinas de Economia Solidária propõem.

Em outro momento, buscamos dialogar com a professora de Ciências da Natureza, Marilde Garbin, uma das maiores referências desse projeto de Economia Solidária na nossa comunidade. A professora citada tem mais de 20 anos de experiência, e vem atuando na escola Gilvan de Souza desde 2013.

Novamente de maneira presencial, dialogamos acerca das habilidades que ela percebe que os alunos da escola construíram ao longo desses projetos com oficinas de Economia Solidária.

> *Eu vejo a necessidade de uma cultura de economia solidária que vem se perdendo, tivemos época que os alunos trabalhavam muito com a troca de saberes e objetos, hoje a lei de mercado é muito forte [...] Precisamos avançar em como comprar juntos, em como vendermos juntos. Pensar num sistema de cooperativa, a escola procura fazer isso, mas ainda temos muitos passos para serem dados [...]* (Marilde Garbin, Entrevista).

A professora faz uma reflexão ao projeto de Economia Solidária em sua essência. Relembrando momentos em que os alunos ao produzirem juntos, faziam a divisão tanto dos produtos quanto da comercialização e lucro. O surgimento de

uma cooperativa, era um dos objetivos da escola para o firmamento e continuidade do projeto. Mas não se obteve um envolvimento maior por parte dos gestores municipais que se apresentaram ao longo desses dez anos.

Com isso, para dar fortalecimento ao projeto de Economia Solidária na escola, buscou- se ampliar as parcerias, fortalecendo vínculos e se conectando através das ações.

Sobre as Parcerias...

2.2 Para fortalecer esse vínculo, parceiros foram conectados

> *Na nossa região contamos com CPT, CDH (Centro de Direitos Humanos) Grupos de Mulheres e Redes de sementes. Já tivemos alunos depois nas oficinas de rede de sementes, ele se ligou a rede e continuou a coletar para rede [...] O conhecimento que os alunos construíram também são significativos, vários deles comentaram e criticam o agrotóxico jogado no cultivo da soja, eles não conseguem mais ter seus próprios mamões, abóboras, quiabos, ou seja, eles sabem que os venenos prejudicam seus cultivos e isso aprenderam na escola [...]* (Marilde Garbin, Entrevista).

Enquanto instituição educacional, a escola Gilvan de Souza tem demonstrado todo um comprometimento político social criando possibilidades para que o aluno discuta os problemas que lhe afetam e criem caminhos para a resolução deles, promovendo debates, procurando parcerias, buscando políticas públicas que lhes assegurem direitos sociais, econômicos e humanitários.

Com a intenção de fortalecer os depoimentos sobre as vivências na escola, dialogamos também com a professora Susana Ferreira da Silva, professora de História que atuou na escola por mais de 6 anos. Foi perguntado sobre os saberes construídos através das oficinas de Economia Solidária na vida de alunos e professores:

> *As nossas ações coletivas, que chamamos de Economia Solidária trouxe importantes mudanças na forma de pensar, organizar o fazer econômico em vista de uma vida melhor para todos e todas. Envolvendo um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que for preciso para viver. Sem explorar ninguém, sem querer levar vantagens, sem destruir o meio ambiente* (Susana Ferreira da Silva, Entrevista).

A execução das oficinas é uma porta de entrada dos jovens no mercado de trabalho em um tempo de precarização e exigências de capacitação se manifestam a todo o tempo. Assim proporcionamos uma geração de renda justa para as necessidades básicas pessoais, familiares e comunitárias. Além dos diálogos e

trocas de experiências durante as oficinas, esses estudantes vão reconhecer que são protagonistas da transformação social, participando de discussões e formulações de propostas que garanta seus direitos e na construção de um projeto de vida,embasados em princípios de valores humanos e comunitários.

A escola Estadual de Jovens e Adultos Gilvan de Souza é uma sobrevivente no que tange a Educação de Jovens e Adultos no Estado do Mato Grosso, existe e resiste como a única unidade escolar constituída unicamente para Adultos (EJA). Para compreender a conjuntura atual da comunidade Gilvan de Souza, é preciso revisitar o passado. Conta no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2023):

> A antiga Escola Estadual 'Osvaldo Roberto Sobrinho' foi criada em 26 de Abril de 1.994, através do Decreto nº 4.464/94 pelo então Governador de Estado - Jaime Veríssimo de Campos e teve Mudança de Denominação para Escola Estadual 'Gilvan de Souza' em 30/05/2008 através do Decreto 1.370, devido determinação Judicial. Esta unidade de ensino localiza-se no município de Porto Alegre do Norte, com sede na Avenida Cuiabá, Nº 010 no Setor dos Buritis. É uma escola de setor periférico, que necessita urgente de reforma e ampliação do espaço físico, uma vez que seu prédio desde que foi construído em 1994 nunca obteve as mesmas. Considerando o redimensionamento escolar realizado no ano de 2010, esta escola foi agraciada com o atendimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de toda a cidade, o que nos remete a uma clientela variada em faixa etária (acima de 15 anos de idade) e classe social.

A antiga estrutura física da escola representa bem o grau de importância do governo para o público adulto, como aponta o PPP da escola (foi construída em 1994 e nunca passou por reforma). Dentre todas as unidades escolares do município, essa escola é a única sem reforma completa ou o mínimo de estrutura para acolher esse aluno que trabalha o dia todo e vem para escola cansada das responsabilidades familiares.

Sobre o perfil socioeconômico o PPP-2023 aponta ...

2.3 Contexto Social e Perfil Socioeconômico da Comunidade Escolar

> A Escola Estadual 'Gilvan de Souza' localiza-se, na região urbana de Porto Alegre do Norte/Mato Grosso, atende uma clientela de baixa renda que em sua maioria vive em constante locomoção devido à falta de emprego na região. Essa correção de fluxo acontece praticamente o ano todo, principalmente, na época de safra nas cidades circunvizinhas. Suas expectativas e sonhos com relação à modalidade EJA é que o ensino melhore a cada ano, e venha contribuir em seu trabalho e também no meio social. São jovens e adultos trabalhadores das diversas áreas, agricultura, servidor público, comércio, produtor rural, mulheres do lar e aposentados

> que não tiveram oportunidade de concluir o estudo no seu tempo certo. Temos também um público considerável de alunos com deficiências que são atendidos no projeto Sala de Recursos Multifuncional e nas turmas regulares, em uma proposta de educação inclusiva. É uma comunidade carente, que necessita de amparo social e atenção política estrutural na área da saúde, moradia, financeira, e em questões da melhoria de internet com acesso para todos, na qual o trabalho presencial tem se apoiado neste ano de 2023. Assim sendo, representa um povo de luta, batalhadores e sensíveis as causas sociais, já que compreendem a real necessidade da educação, das conquistas sociais para o melhoramento de suas vidas. Logo é uma comunidade totalmente envolvida no meio educativo, pois percebem como a educação pode ser usada como ferramenta de ajuda para a mudança de vida de cada cidadão (P.P. P 2010).

O documento (PPP, 2010) traz a voz da comunidade, já que é constituído por todos juntos. Esse trecho do PPP dá visibilidade ao perfil do público atendido na escola, comunidade carente, trabalhadores, responsáveis e de luta. São alunos que estavam privados de liberdades, oriundos de presídios, que se identificam com o perfil de inclusão da escola.

A escola atualmente é reconhecida como instituição oriunda dos movimentos sociais, com uma atmosfera de muita luta, luta essa organizada e sistematizada para vencer. Isso se deve, as conquistas da escola obtidas contra as várias tentativas do governo de fechar a unidade. São os movimentos sociais que dão sustentação a permanência dessa educação inclusiva de adultos em Porto Alegre do Norte-MT. Essas veias impulsionadoras de estudantes guerreiros e guerreiras postulam posicionamentos que afrontam governos, empresários, chefes e patrões, isso se deve a tomada de consciência desses alunos, pois ao estarem na escola, a formação cidadã acerca dos seus direitos é um dos maiores eixos de atuação dos professores da escola.

Se apropriando de conhecimentos, o homem se liberta e libertam entre si, as aulas, oficinas de ES da escola dão asas a esses alunos e isso impacta na sociedade como um todo, mas também no subjetivo de cada estudante, como pontua Paula Freire:

> Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio ‘eu’, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão (Freire 1997,p. 90).

Pensar e repensar nossas ações nos leva a essas constantes revisões, nos leva a adotar uma postura rebelde, de não aceitação a opressão, pré-conceitos, usos de drogas, impulsiona os estudantes a dizer “NÃO” para a perdição do seu próprio eu. “Lutar é defender a democracia e não uma luta contra ela” (Freire 1997, p. 121), a democracia precisa ser a meta permanente da escola e lutar é o mecanismo de sucesso para alcançarmos.

2.4 DRE/MT-Frequências outras!!!

Bifurcação, entroncamento, contramão São ruas sem fim
Vias de fato aos pés de quem Desrespeitou sinais e atravessou ileso [...]. Metá Metá, Vias de Fato, 2011.

O governo do Estado do Mato Grosso instituiu as Diretorias Regionais de Educação (DRE) no ano de 2022, com o decreto 1258 de 18 de janeiro de 2022. Instituição para estreitar as relações entre unidade Escolar e Secretaria do Estado de Educação (SEDUC).

A DRE/MT é constituída por Coordenadorias (Art. 6° Dec.1.258/22):

> Coordenadoria de Formação Continuada Coordenadoria de Gestão Pedagógica Coordenadoria de Gestão Escolar e de Rede Coordenadoria Administrativa e Financeira Coordenadoria de Gestão de Pessoas Coordenadoria de Infraestrutura, Patrimônio e TI

A atmosfera promovida por essa instituição entre as escolas causa espanto, uma instituição que distancia a escola do órgão central, as vozes dos servidores promovem reflexões do real papel da DRE/MT na região do Araguaia. O cenário educacional não compreende as sequelas que essa instituição vem estabelecendo no pólo, uma vez que estão militarizando escolas, fechando turmas, constituindo salas multisseriadas dentre outras. Levando a acreditar que a educação pode ser numeralizada, as turmas multisseriadas são retrocessos, sistema arcaico que dificulta a atuação docente e o sucesso escolar. No entanto, a DRE/MT vem multiplicando essas turmas cada vez mais.

A escola Gilvan de Souza aponta que vem sofrendo significativamente esses impactos de atuação da DRE/MT, um sistema hierárquico que verticaliza os alunos da EJA perante a sociedade que nos cerca. A direção acaba de ser oficializada quanto ao fechamento da Escola para 2024, isso abalou a todos, uma vez que a

instituição oriunda dos movimentos sociais vai ser desativada.

Os alunos serão remanejados para uma unidade que trabalha com Ensino Fundamental, ou seja, crianças, isso leva a acreditar que o espaço específico para adultos não acontecerá. O horário para estudo do trabalhador é outro, específico, flexível e acolhedor. A informação estremeceu toda comunidade. O grupo de docentes levanta questionamentos quanto a contramão da atuação da DRE/MT, que visivelmente vive em outra frequência em relação a educação, desrespeita sinais, concebe bifurcações e não consegue ressignificar a educação na região do Araguaia.

Aponto que a EJA não gera lucro para o governo do Estado, não são numeralizados nas avaliações que geram capital, assim sendo, essa atuação do Governo estadual é compreensível na medida em que constituiu uma DRE/MT para segregar, eximir, silenciar e promover as desigualdades sociais. Não seria legitimo para o Estado, uma instituição como Gilvan permanecer, uma instituição que constrói protagonistas contra o trabalho análogo à escravidão, sujeitos autônomos perante a urna, cidadãos que saberão se posicionar perante a opressão.

Acredito que o ponto de partida da DRE/MT constitui-se de frequências outras:

-Frequências outras à inclusão.

-Frequências outras à emancipação intelectual

-Frequências outras à Igualdade social.

-Frequências outras às lutas sociais.

-Frequências outras à Educação do Oprimido.

Acredito que a DRE/MT conhece e compreende bem o processo, mas não conhece e nem compreende os princípios. A EJA está inserida numa perspectiva contra colonial, já que subverte a ordem do currículo colonizado, ressignificando-o.

2.5 O pensamento da maioria minorizada na semiologia e temporalidade linear do colonizado

Viver em um ambiente onde você é a todo tempo avaliado pelos bens que você tem e não pelo que você é em sua essência, afeta a maioria das pessoas que vivem em uma sociedade capitalista. E isso provoca o surgimento de uma alienação

que passa a ser visto com conformismo, nas condições precárias de trabalho, se submetendo a mão de obra barata, nas relações sociais, nos discursos de incapacidades estudantis, abandonando a escola, nas comparações de sucessos e fracassos e nas classificações de classes.

Ao se conformar com o seu lugar e valor na sociedade, o indivíduo desencorajado pelo sistema, vê apenas o caminho do “bom emprego” para passar a “SER”, como a única alternativa de aceitação. A esse respeito, é oportuno rememorar o pensamento de Karl Mark, filósofo Alemão, ao refletir sobre o termo alienação:

É assim que os operários são postos à parte e desprezados pela classe no poder no plano moral, como o são nos planos físicos e intelectuais. O único interesse que ainda se tem por eles manifesta-se pela lei, que lhes deita a mão assim que se aproximam demasiado da burguesia; tal como para com os animais despidos de razão, só se utiliza com eles um único meio de educação: o chicote, a força brutal que não convence, mas que só intimida (Mark, 1979, p. 71).

Dentro deste contexto, é percebido que alguns membros da população Porto- alegrense ainda se encontram nesse círculo vicioso, onde o abandono escolar ainda é um número preocupante nas escolas e o grande motivo é a garantia de um emprego que ao menos assegure a alimentação para seus familiares, sem se importar com seu bem-estar e seus direitos trabalhistas.

Percebe-se que o sonho desses trabalhadores fica limitado em mudar para um emprego melhor, mesmo que esse “melhor” o faça trabalhar com carga horária excessiva; O faça se distanciar de seus familiares por ter que ir para as fazendas; Mesmo que o sonho da casa própria fique de lado, tudo isso fica em segundo plano. Há ainda justificativas para o trabalho excessivo que é de um dia montar seu próprio negócio e se tornar patrão ao invés de empregado.

As consequências dessa atitude desenfreada são sentidas, quando o indivíduo decide que não quer ser mais explorado e que precisa se reconstruir enquanto um cidadão de Direitos. Ao perceber que está perdendo oportunidades de ter uma vida saudável, de evoluir intelectualmente e observar o mundo com maior criticidade, ele procura o melhor caminho para essa transformação, que é a escola. E nesse contexto a Escola de Jovens e Adultos vem engajada nesse pensamento libertador e de transformação social há muito tempo, onde busca

amparo nas reflexões de Freire: Só podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada, tanto quanto possível, criticamente ou com acento maior de racionalidade. (Freire, 2018 p.119).

Ao retornar para a escola, esse aluno traz consigo muito conhecimento e experiências adquiridos ao longo de sua trajetória de vida. E com esse conhecimento, vem também muitas convicções. Que variam desde o desencorajamento para lutar por seus direitos até a certeza de um ser incapaz de aprender. Essa mistura de sentimentos é tratada minuciosamente na EJA, onde os professores procuram refletir com os alunos sobre a riqueza de conhecimento que ele tem e a importância disso para o seu dia a dia, como também mostra pra ele na prática suas capacidades e habilidades desenvolvidas durante o processo. Todas as ações pedagógicas na Escola Gilvan de Souza são pautadas por um ensino aprendizagem que promova o desenvolvimento humano e social dos alunos, buscando amparo no trecho extraído da Declaração de Hamburgo, construída na 5ª CONFITEA:

> A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI. É tanta conseqüência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. É um poderoso conceito para a promoção do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. A aprendizagem de adultos pode modelar a identidade do cidadão e dar um significado à sua vida. A aprendizagem ao longo da vida implica repensar um conteúdo que reflita certos fatores, como idade, gênero, deficiências, idioma, cultura e disparidades econômicas (UNESCO/CONFITEA *apud* Ireland; Spezia, 2014, p. 215).

E seguindo a linha pedagógica que fortaleça um ensino aprendizagem que promova o desenvolvimento integral do aluno, a escola Gilvan de Souza trata minuciosamente as especificidades encontradas nas turmas da EJA, amparados também em Corôa (2006, p. 33):

> Na EJA, seus alunos, tanto jovens como adultos, são em maioria, trabalhadores que tiveram que parar de estudar ou nunca estudaram para poder trabalhar e sustentar suas famílias. São geralmente excluídos da sociedade por sua condição de não escolarizado, o que provoca entre eles baixa autoestima e o sentimento de inferioridade em relação àqueles escolarizados ou alfabetizados e até mesmo perante sua família.

A partir desta linha de ensino agregador e solidário, inicia-se então um formato pedagógico que coloca o aluno como o protagonista de sua história e que começa a se reconhecer como um ser de direitos, com habilidades e capacidades físicas e intelectuais. Tudo isso através de um ensino contínuo e permanente enriquecidos pelas oficinas de economia solidária, demonstrados em conteúdo que promovam reflexões sobre seu cotidiano e a importância de um olhar positivo sobre sua trajetória. (Freire 2011, p. 22) versa sobre essa ação pedagógica: “[...] os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular”.

Observa-se que, o aluno ao perceber que está inserido dentro de uma aprendizagem mais significativa, passa a se firmar como um cidadão capaz de construir conhecimento que facilite sua sobrevivência nas situações cotidianas. Ganha espaço em seu ambiente social, reconhece-se como um sujeito com autonomia e com capacidades de direcionar suas ações para o beneficiamento individual e coletivo. Gerindo seu próprio negócio ou tendo o poder de escolha, evitando assim, situações que o desfavoreça enquanto trabalhador ou estudante.

Nesse sentido, o desenvolvimento do projeto só é possível a partir da perspectiva da Educação Popular e seus Saberes, pautada na perspectiva de Paulo Freire, onde os estudantes e seus saberes e fazeres pode protagonizar os processos de ensino e aprendizagem.

Abordaremos a seguir sobre Saberes Popular e Educação Popular, para melhor compreendermos como elas se comunicam com o projeto de economia solidária na escola Gilvan.

2.6 Saberes populares e educação popular: caminhos que se entrelaçam na valorização de conhecimentos e emancipação dos sujeitos

Falar sobre formas de aprendizagens é algo muito complexo porque são múltiplos, os caminhos percorridos. E tratar de aprendizagens construídas coletivamente lhe proporciona um contexto maior ainda. E dentro deste cenário de aprendizagens cabem dois conceitos que são respectivamente ligados a Educação

de Jovens e Adultos, que são os saberes populares e educação popular. Sabe-se que saberes populares são conhecimentos espontâneos, enquanto a educação popular é uma prática intencional e organizada.

As práticas pedagógicas da EJA são compostas de ensinos que facilitam a compreensão dos conhecimentos para a transformação da realidade social dos sujeitos que ali estudam.

Os saberes populares são conhecimentos construídos coletivamente, e transmitidos de geração a geração, arraigados na cultura de um povo. Eles são apresentados nas práticas cotidianas como nas práticas agrícolas, medicinais nas formas de organização social, crenças e expressões artísticas construídos a partir da experiência, da vivência e da relação com o meio ambiente. São conhecimentos práticos, que orientam a vida cotidiana das pessoas.

A educação popular é uma prática pedagógica que valoriza os saberes populares, democratizando o acesso ao conhecimento, promovendo a autonomia e a participação dos sujeitos na construção de um mundo mais justo e igualitário. A educação popular tem como base a valorização da diversidade, do diálogo e da construção coletiva do conhecimento.

Com isso, compreende-se que os saberes populares são a base da educação popular, que busca transformar a realidade social a partir da valorização dos conhecimentos e das experiências das pessoas. A educação popular é um processo de construção coletiva do conhecimento, que tem como objetivo a emancipação dos sujeitos.

Para Brandão (2006), a Educação Popular surge no Brasil na década de 1960, como uma proposta de uma modalidade de ação transformadora em seu campo, ao agir sobre saberes e valores de pessoas e de suas consciências. A Educação Popular, originalmente chamada aqui no Brasil e na América Latina de Educação Libertadora, Educação Liberadora, opunha-se ao que Paulo Freire qualificava como Educação Bancária.

Paulo Freire, inicia a Educação Popular, quando os dados do analfabetismo avançavam em um momento em que o País se encontrava em pleno processo de desenvolvimento. Começa como um movimento de educadores e alfabetizadores “militantes da cultura popular” que trazem suas teorias e práticas, tornando assim, política uma cultura que antes era considerada apenas como uma cultura folclórica.

Passando então a ser reconhecida como uma base ideológica nos processos políticos de organização e mobilização popular, na luta de classes dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural, se contrapondo a qualquer projeto educacional dominante ou elitizado.

Compreende-se então, que a educação popular ocorre em grupos populares não institucionalizados, em movimentos sociais, seja no campo ou na cidade, em diferentes contextos históricos e sociais, alguns associados a setores de governos municipais e estaduais, transformando assim em um modelo de ensino democrático. Valorizando os saberes e vivências de um povo.

Brandão (2006) afirma que, todo um trabalho de educação popular deveria encontrar o seu início, o seu meio e o seu fim. O sentido do termo “fim”, tomado como horizonte cultural e como finalidade social e política. Dentro dessas finalidades, deveria ser compreendido que:

> a) Qualquer pessoa, quem quer que seja, é uma fonte original e insubstituível de seu próprio saber;
> b) Assim sendo, qualquer analfabeto - alfabetizando é um sujeito de seu próprio saber, um saber diverso, mas não inferior ao de seu alfabetizador;
> c) Portanto o diálogo torna-se não um método didático de trabalho pedagógico, mas a própria substância interativa de todos os momentos do acontecer da educação; e ele é, também, a sua principal finalidade: dialogamos para aprender a alargar, com o outro, os horizontes de nossa capacidade de sermos seres-de-diálogos;
> d) de igual maneira, qualquer cultura criada e vivida por todo e qualquer grupo humano entre indígenas e acadêmicos, é também uma experiência única, inquestionavelmente válida e de um valor cognitivo não hierarquicamente comparável com outros sistemas de saber e de ordenação de saberes como uma modalidade de cultura.
> e) Educar, ensinar, é partilhar situações de reciprocidades e inter-trocas de saberes. É partilhar de momentos e contextos culturais motivadas à criação solidária de saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades. Um processo de ações recíprocas ‘onde ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho’ [...] (Brandão 2006)

O grande pensador Paulo Freire, um dia escreveu que, “a educação é pra toda vida”. Ao analisar alguns comportamentos sociais no processo educativo, começo a me questionar sobre que tipo de vidas humanas essa educação está sendo ofertada atualmente. Sendo sabedora de que sua escrita se refere as etapas da vida de um ser humano em sua individualidade, atrevo-me recorrer às suas escritas para referir-me e refletir sobre as vidas em suas classes econômicas.

Para abordar sobre uma educação que sirva para todas as vidas, busco uma frase de Brandão quando diz que: “Ninguém escapa da educação”, ao refletir com

sua turma de “aprendentes” sobre as formas, lugares e processos de aprendizagem, demonstrando como a vida se mistura com a educação.

Seguindo as linhas de pensamento desses dois grandes intelectuais da educação, é possível afirmar que o aprendizado pode ocorrer em todas as fases das vidas, em qualquer ambiente, em uma comunidade, com a família, com amigos, na escola, na igreja, em uma roda de conversa. A qualidade de conhecimento não pode, ou não deveria ser classificado por classes econômicas ou classes dominantes. Ou seja, todo conhecimento, para quem o tem ou quem o recebe, pode ser muito valioso na organização de pensamentos ou sequência de ideias.

Diante de uma caminhada de mais de vinte e cinco anos nessa jornada educacional atuando em escolas públicas, é notável perceber que a educação quando garantida o acesso e permanência de forma democrática e respeitosa, os estudantes finalizam o ciclo escolar com um nível de aprendizagem elevado. Respeita-se a ideia de que o estudante já traz conhecimentos adquiridos em suas vivências e que, esse detalhe poderá contribuir com seu aprendizado. Ou seja, é percebido que, todas as formas de vida e todo conhecimento utilizado ao longo da vida são importantes nas relações humanas.

A EJA é uma modalidade que garante o acesso à educação para muitos tipos de vidas. Oportuniza a vida adulta a se reencontrar com o universo da escrita, reestabelece um caminho para o jovem desenvolver sua criticidade, e está construindo um pensamento educacional de desobediências. Essa desobediência é demonstrada quando resiste aos ataques governistas que, a cada ano vem fechando escolas que ofertam a modalidade.

Dados comprovam que a taxa de analfabetismo de adultos ainda é muito alta no Brasil. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2023, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, em 2023, havia 9,3 milhões de pessoas a partir das 15 anos não-alfabetizadas, o equivalente a uma taxa de não alfabetizados de 5,4%. Em Mato Grosso, segundo o Censo Demográfico 22, o analfabetismo afeta 5,81% da população, o que corresponde a 164,4 mil pessoas.

Fechar escolas públicas, agir com indiferenças às vidas alheias, ao invés de reparar uma dívida educacional, demonstra que os investimentos para a melhoria da educação em Matogrosso têm um público específico e privilegiado, e com certeza

não é o “povo” que estuda na EJA. Mas, seguiremos resistindo afinal, como diz Rufino (2018): “Haveremos de convir que se educa para os mais diferentes fins. A educação, como prática emancipatória, deve incorporar instâncias de inconformismo, rebeldia e transgressão”.

2.7 Economia solidária como um projeto pedagógico

A Escola Gilvan de Souza sempre desenvolveu projetos pedagógicos como estratégia de um ensino que desenvolva a autonomia e o pensamento crítico dos alunos. Tendo como público-alvo alunos de EJA, inseriu no PPP temas que trata sobre a vida cotidiana desses sujeitos. Surgindo temas fixos como: Meio Ambiente, por estarmos em uma região onde as queimadas já trouxeram grandes prejuízos para a população, e a seca dos rios, uma preocupação para os ribeirinhos, tudo isso com discussões que desperta nos alunos o cuidado com o preservar e o impulsionam a cobrar das autoridades um planejamento de preservação da natureza. Outro foco de discussão é o projeto que discute a cultura afro-brasileira como contribuição para a formação da identidade do povo brasileiro. Apresentando uma riqueza cultural e fortalecendo nos alunos negros sua autoafirmação e encorajando-os a lutar por seus direitos.

Sendo uma escola que atende a modalidade de Educação de Jovens e adultos, e preocupados em proporcionar o desenvolvimento da autonomia de homens e mulheres que ali estão, surgiu também, a ideia de desenvolver oficinas pedagógicas voltadas a Economia Solidária. Necessita-se então, uma maior compreensão do processo de desenvolvimento e seu reconhecimento na forma alternativa de produção pela sociedade brasileira.

Segundo Singer e Souza, 2000), O cooperativismo chegou ao Brasil no começo do século XX, trazido pelos emigrantes europeus. Com a crise social das décadas perdidas de 1980 e de 1990, em que o país se desindustrializou, milhões de postos de trabalho foram perdidos, acarretando desemprego em massa e acentuada exclusão social, a economia solidária reviveu no Brasil. A economia solidária ganhou forças com o surgimento de cooperativas ou associações. Ainda nos anos 1980, a Cáritas, entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), financiou milhares de pequenos projetos denominados (PACS),

Projetos Alternativos Comunitários. Uma boa parte dos PACS acabou se transformando em unidades de economia solidária, alguns dependentes ainda da ajuda caritativa das comunidades de fiéis, outros conseguindo se consolidar economicamente mediante a venda de sua produção no mercado.

Esse movimento de trabalho alternativo foi se fortalecendo e expandindo à medida que outros grupos de produção foram se reconhecendo como parte dessa organização social. Surge-se então, segundo Singer e Souza (2000), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O MST conseguiu assentar centenas de milhares de famílias em terras desapropriadas de latifúndios improdutivos. O movimento decidiu que promoveria a agricultura sob a forma de cooperativas auto gestionárias, dando lugar a outra modalidade de economia solidária no Brasil.

As forças sindicais e organizações sociais no Brasil, sempre foram referências de lutas em prol de uma sociedade igualitária. Com isso, ainda com referências a Singer e Souza (2000), outro componente da economia solidária no Brasil é formado pelas cooperativas e grupos de produção associada, incubados por entidades universitárias, que se denominam Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPS). As ITCPS são multidisciplinares, integradas por professores, alunos de graduação e pós-graduação e funcionários, pertencentes às mais diferentes áreas do saber. Elas atendem grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em cooperativismo e economia solidária e apoio técnico, logístico e jurídico para que possam viabilizar seus empreendimentos auto gestionários.

Vista como um contraponto ao sistema capitalista, a economia solidária tem oportunizado maiores discussões enquanto movimento social, respaldando os saberes populares. Com muitas outras abordagens teóricas, a economia solidária no Brasil tem demonstra que dentro de uma corrente popular há saberes múltiplos, sendo reconhecido e fortalecido através de novas organizações sociais.

Zart (2022) vem afirmar que, a ação coletiva dos movimentos sociais populares tem na mobilização e na organização democrática e participativa dos grupos sociais dominados a perspectiva de contestação e de reversão das estruturas sociais dominantes. Estas proposições passam pelas organizações ligadas às igrejas cristãs da teologia da libertação; aos partidos políticos de cunho revolucionário, que se embasam nas teorias marxista-leninistas; às organizações

dos movimentos das mulheres, dos movimentos ambientais, indígenas e camponeses sem-terra. Apesar das diferenças de estratégias e de leitura das realidades latino-americanas, as diversas matizes ideopolíticas, que têm na emancipação dos grupos sociais excluídos da América Latina, têm como projeto social a transformação das estruturas socioeconômicas, culturais e políticas, tendo como finalidade a democratização da economia e da política, subvertendo a ordem e visualizando um processo de desenvolvimento que possa tornar solidária a América Latina.

A Educação de Jovens e Adultos é um espaço escolar que proporciona esse fortalecimento ou encorajamento para uma mobilização social e política, tornando o aluno o protagonista de sua história. Ao compreender de fato que a Economia Solidária, é um projeto que salva e/ou direciona vidas, a escola Gilvan de Souza, inicia um movimento popular que fortalece uma cultura de ações coletivas em prol de uma sociedade mais justa.

Compreendendo que, segundo Zart (2022), o movimento da economia solidária se centra na participação dos sujeitos, na democracia direta, na autogestão, nas questões emancipatórias de gênero, de raça, de etnia, além das de classe social, as oficinas pedagógicas no projeto de Economia Solidária na escola, aconteceram de uma forma bem genuína, cuidando para que a partir das produções houvesse uma aprendizagem consolidada.

A economia solidária na escola é um projeto pedagógico que se baseia em movimentos sociais, fortalecido por grupos de trabalhadores capazes de promover a autogestão, o bem-estar, a solidariedade, e uma organização coletiva.

3 A ETNOMATEMÁTICA EM SUA FUNÇÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL

Ensinar matemática ou aprender matemática sempre foi um desafio na educação. Para quem ensina, fica a função de facilitar a compreensão dos conteúdos e abranger um quantitativo de alunos com resultados positivos de aprendizagem e com isso evitar que, o papel de vilã responsável por grande número de reprovação e evasão escolar, seja dado a disciplina. “Fracasso escolar não é culpa do professor, mas certamente problema do professor” (Demo, 2001, p.37).

Para quem precisa aprender e depois aplicar essa aprendizagem para facilitar suas atividades cotidianas, o desafio é ainda maior. O aluno se depara com uma complexidade de conteúdos desafiadores, muitos desses conteúdos apresentados não o auxilia em seu respectivo cotidiano, mesmo assim se preocupa em desenvolver estratégias de aprendizagem como um meio facilitador para essa compreensão, as vezes consegue, mas, em sua maioria não.

E em meio as dificuldades encontradas, vai desenvolvendo um sentimento de incapacidade e fracasso. E a consequência é a desistência:

> [...] ao perceberem a matemática como algo difícil e não se acreditando capaz de aprendê-la, os estudantes, muitas vezes, desenvolvem crenças aversivas em relação à situação de aprendizagem, o que dificulta a compreensão do conteúdo e termina por reforçar sua postura inicial, gerando um círculo vicioso (Ferreira, 1998, p. 20).

A Matemática, quando voltada para uma compreensão social, apresenta uma diversidade de conhecimentos matemáticos presentes em diferentes grupos culturais. Este modelo de ensino foi abordado nas oficinas pedagógicas valorizando o conhecimento prévio dos alunos.

O que se apresentará a seguir é um olhar pedagógico na perspectiva da etnomatemática como relevância no desenvolvimento das oficinas abordadas em sala de aula para que o ensino se torne significativo. Discutindo as diferentes formas de se abordar os conhecimentos matemáticos e assimilando com o contexto cultural dos alunos. Severino-Filho (2021) define a compreensão da etnomatemática ao afirmar que seu maior objetivo é produzir sentidos e compreensões aos modos de saber e fazer de diferentes grupos de indivíduos, organizados sócio culturalmente em famílias, comunidades, atividades profissionais povos ou nações que

desenvolve estilos próprios de executar atividades de natureza matemática.

Ao desenvolver um ensino voltado para a valorização dos saberes populares, permite-se enquanto profissional, se desprender de um ensino colonizado. O ensino passa a incluir e valorizar todos os tipos de conhecimento.

> À luz dos conceitos e discussões trazidos pela Etnomatemática, nos permitimos afirmar a possibilidade de que a Educação Etnomatemática ocorre por meio das reflexões sobre os saberes e fazeres praticados no interior de um sistema cultural e da dinâmica de difusão desses saberes (Silva; Severino-Filho; Ferreira, 2021, p.19).

Durante a realização das oficinas, observou-se que o trabalho com a matemática se deu de maneira informal, assimilando cada receita, cada medida ou quantificação dos elementos produzidos nas atividades com conteúdo matemático. Há de abrir um parêntese aqui também para a professora de ciências que explica perfeitamente os processos de transformação química que acontecem nas receitas de sabão, desinfetantes, alvejantes e amaciantes. Tudo sutilmente apresentado para que os alunos compreendessem os conteúdos matemáticos necessários para suas vivências e a partir dessa aprendizagem adquirida, usá-la com autonomia no seu trabalho, seja ele doméstico ou profissional.

Exemplo disso são as oficinas de sabão, apresentadas na figura -1. Durante a realização o professor de matemática demonstra para os alunos um exemplo de como calcular os gastos para realizar a produção de sabão caseiro (pedaços, líquido, pasta) e se o aluno resolver comercializar, qual seria o lucro. Ou seja, utiliza a quantificação dos elementos produzidos nas atividades com conteúdo matemático.

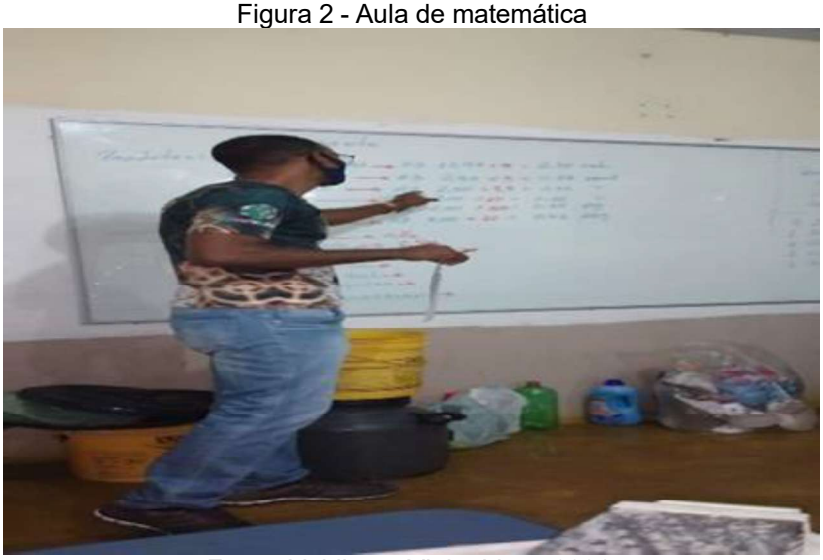
Figura 1 - Aula de matemática, momentos de problematização



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

As oficinas de economia solidária utilizadas como ações pedagógicas oportunizam alunos e professores a relacionarem a teoria e prática como caminhos para o ensino aprendizagem. A figura-2 e figura-3, demonstram esses momentos. Durante a realização de cada receita, o professor vai para o quadro aplicar um conteúdo correspondente aquela ação sob o olhar atento dos alunos.

Figura 2 - Aula de matemática



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Figura 3 - Aula de matemática



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Em outro momento ao realizar a aula prática, o aluno passa a ser o protagonista e inicia então sua apresentação. Na figura 4, alunas estão apresentando para o grupo uma receita de Sabão em pasta. Após essas

apresentações ambas convidam o grupo para participarem da fabricação da receita.

Figura 4 - Aula de matemática



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Assim, ao utilizar teoria e prática, criou-se um ambiente dinâmico de difusão de saberes, oportunizando o aluno a se envolver diretamente nas pesquisas, descobertas, experiências e decisões coletivas. Esse caminho foi um facilitador para a aquisição da aprendizagem. Como afirma Singer (2002, p.21): "[...] participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura".

Dentro desse contexto, observa-se o uso da matemática como um meio facilitador de compreensão das ações cotidianas dos sujeitos envolvidos nesta dinâmica.

Exemplo disso, estão dois personagens muito interessantes que são os ex-alunos do Primeiro Segmento, José Enesio Lopes e Cícero Lima Coelho. Ambos são moradores da Gleba Piracicaba. Seu "Nézio" (como gosta de ser chamado), mora na Chácara Boa Sorte, distante a 13 km da cidade. E Cícero, mora numa distância de 14Km da cidade, na Chácara Vitória Régia. Ambos são conhecidos como "os melhores" fazedores de cerca da região. E cada um criou um método de medidas para facilitar seus trabalhos.

Seu Nézio, ao ser perguntado sobre como fazia para medir a distância de uma estaca pra outra relatou as seguintes estratégias:

> *[...] eu mexo com cerca desde moleque novo, e tiro sempre na passada. Cada passada é um metro. Quando 'nós somos gente' (jovem), as*

> *passadas não dão erro, agora já 'tô' velho, os nervos encolheram fica um pouco difícil. Mas aí ensinei meu vizinho e ele segue a minha dica. Não erra uma. Fica 'encabulado'. Uma outra coisa que eu faço também é a divisa das 'talbas' (tábuas) do curral. Pra ficar perto uma da outra eu meço com o palmo da mão. Fica tudo alinhadinhas.*

Nota-se neste relato, o quanto o saber matemático independe de ensinos formalizados ou estruturados para serem reconhecidos como conhecimento. Respaldo essa afirmação, buscando (D'Ambrósio 2013, p. 22):

> [...] O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, indeferido e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios a sua cultura.

Seu Cícero apresentou outro exemplo de referência para medida, ao ser perguntado sobre como ele faz para retirar as estacas ainda na tora da árvore:

> *Sabe como é professora, eu imagino uma melancia. É! Eu corto a madeira na parte de cima e na de baixo, igual eu faço quando vou cortar a melancia, não sei vocês, mas eu faço assim. Aí eu vou latanhando a madeira e virando ela, cortando e virando. Depois que eu giro ela todinha, eu piso forte na madeira e ela 'dibruia' (separa) todinha. Cai tudo de um lado pra outro. Fica certinho.*

Sobre como alinha as estacas para a cerca ficar reta, apresentou mais uma estratégia:

> *É assim, tudo vai depender do solo. Se ele for plano, fica muito fácil eu enfinco a primeira estaca encosto meu rosto na parte de cima, e vou nivelando com as próximas. Fica tudo retinho, você enxerga longe. Agora quando o solo é cheio de onda, a gente vai ajeitando com o palmo da mão na hora de cavar o buraco.*

Sobre o que aprendeu na escola nas oficinas de economia solidária: *"[...] Sabe professora, quando eu via aquele tanto de coisa que 'nois' fazia junto e depois cada um mostrando o que sabia fazer de bom pra sobreviver, eu pensei, eu sou bom em fazer cerca. Então eu posso ter meu ganha pão.*

A riqueza de conhecimento demonstrado por esses ex-alunos permite o pensamento de que a educação matemática desenvolvida dentro da Modalidade EJA é o espaço onde o indivíduo apresenta sua mais singela essência. O ser comum, esperançoso, resistente. Peço licença ao grande poeta Ferreira Gullar (1930-2016), ao utilizar seus pensamentos para engrandecer esses batalhadores:

Homem Comum

Sou um homem comum de carne e de memória de osso e esquecimento.
Ando a pé, de ônibus, de táxi, de avião e a vida sopra dentro de mim
pânica
feito a chama de um maçarico e pode
subitamente cessar.
Sou como você
feito de coisas lembradas e esquecidas
rostos e
mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia em Pastos-Bons,
defuntas alegrias flores passarinhos facho de tarde luminosa
nomes que já nem sei bocas bafos bacias
bandejas bandeiras bananeiras tudo
misturado
essa lenha perfumada que se acende
e me faz caminhar.

Sou um homem comum
brasileiro, maior, casado, reservista, e não vejo na vida, amigo,
nenhum sentido, senão
lutarmos juntos por um mundo melhor. Poeta fui de rápido destino.
Mas a poesia é rara e não comove nem move o pau-de-arara.
Quero, por isso, falar com você, de homem para homem,
apoiar-me em você oferecer-lhe o meu braço que o tempo é pouco
e o latifúndio está aí, matando.
Que o tempo é pouco
e aí estão o Chase Bank,
a IT & T, a Bond andShare,
a Wilson, a Hanna, a Anderson Clayton, e sabe-se lá quantos outros
braços do polvo a nos sugar a vidae a bolsa

Homem comum, igual a você,
cruzo a Avenida sob a pressão do imperialismo.
A sombra do latifúndio mancha a paisagem turva as águas do mar e a infância nos
volta à boca, amarga,
suja de lama e de fome.

Mas somos muitos milhões de homens comuns
e podemos formar uma muralha
com nossos corpos de sonho e margaridas.

Manter-se forte e destemido, encorajado e relisente, são comportamentos que estudantes e professores da EJA desenvolvem para resistir e permanecer na busca de dias melhores.

3.1 Os processos formativos e as oficinas de economia solidária

Só se justifica insistirmos em educação para todos se for possível conseguir, através dela, melhor qualidade de vida e maior dignidade humana como um todo. A dignidade de cada indivíduo se manifesta no encontro de cada indivíduo com outros (D'Ambrósio,2013 p.105).

As oficinas de economia solidária apresentaram múltiplos saberes que

começaram a ganhar um olhar específico na construção de um currículo que considere as experiências de vida dos alunos e valorize os saberes locais, promovendo um conhecimento plural e inclusivo.

Percebe-se que, as oficinas de Economia Solidária, oportunizaram reencontros. Diversificados em amizades; com o passado; com descobertas, despertando o aluno de que ele pode seguir com seu aprendizado e transformar sua rotina em saberes e fazeres artesanais. Diante disso, apresento-lhes a seguir, alguns personagens dessa longa jornada.

Em 2011, percebemos a conexão do nosso público com a mandioca, na sua grande maioria, eram adultos e idosos que possuíam suas pequenas propriedades e que demostravam interesse por farinha. Assim sendo, após momentos de reflexão, discussões e problematizações acerca da temática que realizaríamos, oficinas com a Produção de Farinha.

3.1.1 Oficina de produção de farinha

Os momentos que antecederam essa oficina aconteceram na sala de aula, onde as bases conceituais, teóricas e problematizações econômicas da nossa economia solidária se concebiam. Abordagens acerca do preço da farinha, quilos, comercialização e perspectivas deles para a oficina. Nutridos de muito conhecimento popular, essas aulas colocavam os professores na condição de aprendizes, isso porque o protagonismo imbuído nesses momentos era de todos os alunos.

Figura 5 - Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2011.

Para a realização dessa oficina, foi preciso utilizar o espaço onde um dos alunos já realizava essa produção. O local foi na chácara Boa Sorte, do aluno Enézio distante da zona urbana uns 13 km aproximadamente. Ao chegarem na chácara, após a colheita os alunos se organizaram em circulo, como ilustra a figura-5, enquanto um descascava a mandioca até o meio, já passava para o outro finalizar a outra parte para que não sujasse a mandioca. Tornando assim o trabalho coletivo ágil e higiênico.

Figura 6 - Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2011.

No momento de ralar a mandioca os alunos que tinham mais experiência em utilizar a máquina se prontificaram em assumir esse papel para evitar acidente. Ao torrar a farinha todos os alunos participavam, pois necessitava de força e agilidade.

Figura 7 - Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2011.

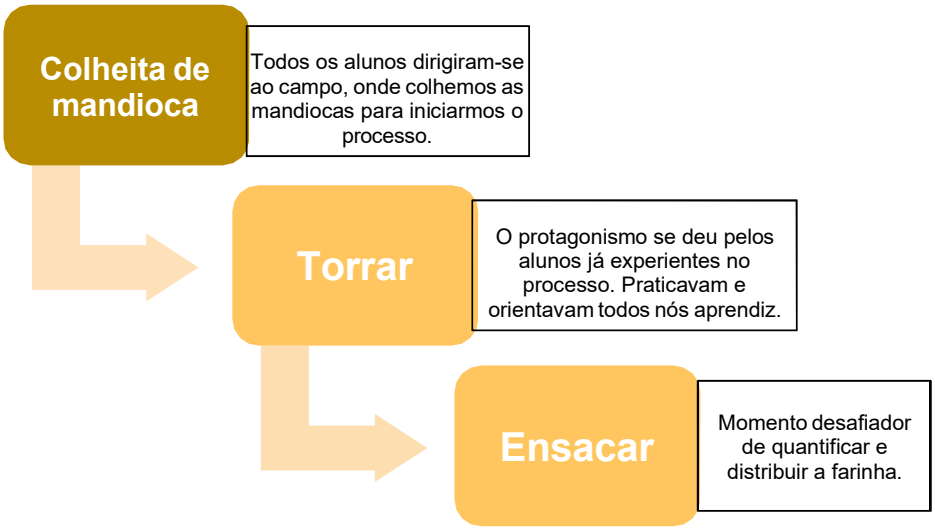
Figura 8 - Oficina de farinha na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2011.

Ao finalizar todo o processo de produção da farinha, retornamos para a escola e iniciamos a distribuição do produto. Com isso foi feito a divisão e cada aluno levou consigo 02 pacotes de farinha.

Ilustração 2 - Caminho percorrido nos momentos da oficina de farinha



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2024.

O Momento de ensacar a farinha exigiu conhecimentos matemáticos dos estudantes e eles demostraram todo conhecimento popular construído ao longo das suas vidas, fizeram uso de uma matemática humanizadora, contextualizada, cálculos para além dos números.

Observou-se a troca de experiências entre os alunos onde os mais experientes orientavam os mais leigos. E durante esses ensinamentos ocorriam vários depoimentos sobre a época em que produziam farinha com seus pais. Em um determinado momento, seu Manoel (70 anos), fez o seguinte comentário: "*Na minha juventude já torrei farinha demais. Tinha safra da gente encher 10 sacos de farinha, trabalhando dia e noite [...]*" (Entrevista, 2011).

Aquela fala despertou a curiosidade dos demais alunos e o bate-papo fluiu enquanto o aluno tirava as dúvidas dos colegas sobre as quantidades de sacos de farinhas poderiam ser produzidos em uma colheita; sobre a época boa para o plantio da mandioca, o aluno então, assumiu o papel de professor e a maestria do momento.

Entre lembranças e muitas gargalhadas, aconteceram também alguns momentos de reflexões. Sentados em volta de uma bacia, alguns alunos faziam uma troca de funções. Enquanto um grupo descascava a mandioca até o meio e entregavam a parte limpa, o outro que recebia terminava de descascar e levavam até a bacia de água para lavar. Em um certo momento, outro aluno parou e fez o seguinte comentário:

> *[...] É, muitas pessoas não dão o devido valor para isso aqui. Mas por mais simples que seja, a farinha já diminuiu a fome de muita gente. Seja de quem faz ela pra vender, seja daquele que tem só para seu consumo. Muitas vezes na falta do arroz, quem salva muitas famílias da fome é ela (José Agno, Entrevista, 2011).*

Ao ouvir a reflexão do aluno, remeto-me a música de Juraildes da Cruz (2004) *"Se farinha fosse americana, mandioca importada, banquete de bacana era farinhada".*

A letra vem ao encontro da reflexão social que o aluno promoveu a pertinência epistemológica que consta nessa fala, cabe profunda sensibilidade, somos sabedores de todo processo colonizado e as sequelas que isso nos deixou, nossos saberes ainda hoje são diminuídos perante o ocidente devido a esse processo cruel que perdura de maneira camuflada ainda hoje.

A conjuntura atual vem multiplicando fragilidades em diferentes cenários sociais, a farinha aqui citada representa muito mais que um alimento, mas traz as vozes desses alunos, adultos e idosos com bagagens sociais de grande porte socioeconômico. Estamos cercados de profissionais com alto nível de formação

acadêmica que não consegue fazer uma reflexão como essa, em prol do outro, de si mesmo e da sociedade em comunhão.

A riqueza de conhecimento demonstrada nesse encontro faz-se necessário insistirmos em uma sociedade solidária, respeitosa, engajada nas ações sociais, representadas por uma educação que promova a formação e fortaleça vínculos culturais articulados por políticas públicas de inclusão.

3.1.2 Oficina de bordados em chinelos

Em outubro de 2019, foi realizada a oficina de Bordados em Chinelos. Foram utilizadas miçangas, agulhas, chinelas tesouras e pedrarias em geral. A oficina consistia em decorar chinelas de diferente maneira, o público de maior frequência foram as mulheres.

Essa oficina abordou a aprendizagem acerca da minuciosidade do processo, conectando equilíbrio mental e criatividade, em meio a sistematização dos espaços entre as pedrarias que exigia estudo, medidas e precisão. Foi preciso compreender volume e massa para efetuar algumas decorações com pedrarias em diferentes formatos e pesos. A venda das chinelas estava agregada ao conforto que os clientes sentiriam no pé e não somente a beleza das decorações.

A utilidade social dessa oficina surpreendeu a todos nós, a oficina antes mesmo de finalizar já tinha todos os produtos vendidos, isso despertou o olhar dos estudantes para continuidade desse trabalho na vida fora da escola, estendendo a prática para suas casas adquirindo a venda de chinelos decorados como meio de renda.

Todas as oficinas propunham problematizações acerca do preço unitário de cada produto, perpassando pelo custo, lucro e investimento. Isso fazia com que os estudantes tivessem uma percepção da realidade e todo o processo. Os professores eram imbuídos de orientações matemáticas para cada oficina, levavam as notas com preços dos produtos, para terem os elementos de cálculos reais, realizavam as
atividades com os preços e saiam das oficinas com condições de produzir todo processo sozinho em casa, caso adotasse a oficina para sua vida.

Oportunizamos um alavancar para várias donas de casa nesse ano, usaram

essa oficina como base econômica e a partir dela, criaram outros meios de renda dentro de casa, processo esse libertador para algumas mulheres que eram dependentes econômica do marido.

As evidências nesse processo se materializavam a cada instante como a participação masculina, onde um personagem muito querido na escola chamado seu Walter, que, na época estava com seus 66 anos, ficou muito satisfeito em conseguir decorar uma sandália para sua esposa e a presenteou; até o despertar empreendedor de dona Maria de 63 anos ao me chamar no canto, e com as mãos na cintura e me falar: *"[...] professora, sabe o que estava pensando aqui? Eu posso ganhar um dinheiro extra com meus tapetes de tiras. Eu vi que eu tenho talento pra fazer as coisas"*

Depois de elencar várias possibilidades de desenvolver seus trabalhos, dona Maria voltou para o seu grupo e passou a contar seus planos para seus outros colegas.

Conforme mostra a imagem a seguir, aluno seu Walter com o chinelo que ele bordou para presentear sua esposa:

Figura 9 - Oficinas de chinelo.



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Aluna Dona Nilza com o chinelo que a mesma bordou para contribuir com a produção da oficina.

Figura 10 - Oficinas de chinelo



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

A figura 11 ilustra o momento da produção de bordados no chinelo, onde a atividade coletiva é marcada por um ambiente de intensa troca de conhecimentos e uma atmosfera de descontração. Esse momento promove não apenas a prática de habilidades manuais, mas também o fortalecimento dos laços entre os participantes.

Figura 11 - Oficinas de chinelo



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

A troca de conhecimentos que acontece nessas oficinas pedagógicas, demonstra o quanto é importante a valorização e permanência de uma escola que seja, ao mesmo tempo, reparadora, equitativa e qualificadora. Apresentar um

formato de Educação qualitativa, que atenda os interesses dos alunos, é fundamental para que as necessidades de aprendizagem sejam alcançadas e desenvolvidas com sucesso.

> Em termos muito claros e diretos: o aluno é mais importante que programas e conteúdo. A educação é a estratégia mais importante para levar o indivíduo a estar em paz consigo mesmo e com o seu entorno social, cultural e natural e a se localizar numa realidade cósmica. Se não lograrmos isso, será uma educação fracassada (D'Ambrósio, 2005, p.107).

Em encontro com o autor, acredita-se numa educação para vida, que agrega a educação escolar com as necessidades reais que nossos estudantes demostram, A EJA é marcada pela desistência de estudantes ao longo do ano letivo, inserir educação com sentidos e oficinas que de fato vão fazer a diferença na vida deles é processo que rompe o fracasso escolar e oportuniza vida digna.

3.1.3 Oficina de sabão

Ilustração 3 - Imagens da oficina de sabão



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

A oficina de sabão não pode faltar no projeto de economia solidária da escola, essa é a que todos listam de imediato quando ainda estamos no processo de elaboração das oficinas para o ano vigente. Essa oficina é delicada, exige instrumentos de proteção, recipientes e ambientes adequados. Os estudantes participam efetivamente de todo processo.

A aprendizagem focada na economia solidária se materializa em todo processo, que exige medidas exatas, conectadas com o quantitativo de misturas e tempo ao fogo. Os estudantes aprendem a dividir os pedaços de sabão de acordo a

quantidade e preço para custear toda a despesa com a compra dos materiais utilizados para execução da oficina.

Figura 12 - Oficina de Sabão



Valdirene Vieira Lima, 2018.

Neste trabalho, observou-se que o interesse das alunas por esse tema, foi pela contribuição do produto em suas utilidades domésticas. Há depoimentos de que depois que aprenderam fazer sabão tanto em pedaço, quanto líquidos e desinfetantes, os valores das compras no supermercado diminuíram ou podiam comprar outros produtos no lugar. E a cada ano uma nova receita de sabão era apresentada e todos os envolvidos participavam dessa produção.

Figura 13 - Oficina de Sabão



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

A Figura 13 evidencia a mesma oficina em 2018, onde demonstra o comprometimento dos alunos com todo processo. Ao analisarmos as imagens, podemos perceber o perfil sempre de mulheres e homens interessados em atender as orientações dos professores.

Produção Produção de Sabão de Gelo. Uma nova receita que despertou grande entusiasmo entre as alunas devido ao excelente resultado final. Apresentada pela professora Susana, a técnica trouxe uma nova abordagem, envolvendo todos no processo e gerando curiosidade e motivação para experimentar.

Ao final, todas ficaram satisfeitas com o sabão produzido, elogiando tanto o processo quanto o resultado obtido. Essa experiência mostrou que, com orientação e prática, é possível alcançar resultados surpreendentes, incentivando-as a continuar explorando novas possibilidades.

Figura 14 - Oficina de Sabão na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

Ao serem questionadas de como se organizavam para fazer sabão em casa, surgiram depoimentos interessantíssimos. Como por exemplo, de ter que combinarem com as amigas vizinhas de guardarem o resto de gorduras de cozinha para juntarem uma quantidade suficiente para a produção de sabão; de guardarem litros recicláveis para depois embalarem seus produtos. Depois de pronto, dividirem entre elas.

Economia Solidária – o que essa propõe é "a prática da solidariedade no campo econômico” (Singer 2005, p. 15).

3.1.4 Oficina: Plantas Medicinais

Durante esse percurso, surgiu uma oficina que chamou a atenção de muitos alunos, e que bateu recorde de participantes, que foi a *Oficina de Plantas Medicinais* para a produção de xaropes caseiros, temperos, pomadas medicinais, sabonetes íntimos de aroeira e barbatimão, vinho medicinal, garrafadas para infecção de urina e ovário, remédios para vermes.

Esta oficina foi utilizada por mais tempo que as outras devido a demanda. Foi ministrada por um professor que já tem experiência com a produção de remédios caseiros, amparado pelo conhecimento científico e saber popular.

Nesta ação os alunos tiveram troca de experiência ao apresentarem suas receitas de xaropes e garrafadas. O professor responsável pela oficina mediava as falas e organizava as plantas em cada grupo de receitas. Com isso fica na responsabilidade dos alunos a colheita e seleção dessas raízes.

Após essa coleção, começavam o manuseio e cozimento, sendo acompanhado por todos ali presente. A cada receita produzida era uma aula onde os alunos e o professor trocavam de papeis constantemente e o ensino-aprendizagem mais enriquecedores se firmavam ali.

3.1.5 Oficina De Panificação

Figura 15 - Oficina de pão caseiro



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

A oficina de pães caseiros é a queridinha dos grupos de senhoras. O

principal objetivo é a descoberta de novas receitas para a panificação, porque além dos pães elas podiam expandir suas receitas para rosquinhas, bolos, tortas etc.

Esta oficina geralmente é ministrada pelas merendeiras da escola. Com isso para os alunos adentrarem ao ambiente, teriam que seguir todas as exigências sanitárias impostas por elas. Que iam desde o uso da touca de cabelo até o uso de luvas para o manuseio dos produtos. As alunas seguiam atentas a cada detalhe, anotando as dicas e segredos para um resultado perfeito em cada receita. Os aprendizados ocorridos nesta oficina, contribuíram para o surgimento de um sentimento empreendedor de algumas alunas. Perceberam que podiam produzir seus próprios alimentos e tirar uma renda extra.

Figura 16 - Oficina de pão caseiro



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

3.1.6 Oficina de Produtos Recicláveis

A oficina de produtos recicláveis apresentou uma complexidade de aprendizagem, que vai desde a coleta seletiva a reutilização de materiais. Esta oficina inicia sempre com a leitura e discussão sobre a importância do cuidado e preservação do Meio Ambiente, a diminuição do lixo, redução da poluição, sustentabilidade e geração de empregos.

Após os momentos de leituras e reflexões os alunos partem para a produção, sendo orientados sempre por um membro da comunidade que tem anos de práticas. São produzidos materiais com plásticos, pneus, vidros, papelão, jornais. Como resultados dessas oficinas saíram: lixeiros, vasos de plantas, bolsas, cestas,

pesos para portas, decoração para utilização doméstica e decoração em vidros.

3.1.7 Oficina de Pintura em Tecidos

A oficina de pinturas em tecidos foi uma das primeiras sugestões apontadas pelas alunas. O objetivo era a decoração de panos de pratos, pois este é um produto muito utilizado no dia a dia. A parte interessante nesta oficina foi a troca de saberes apresentados ali. A oficina foi ministrada por uma das alunas que já trabalhava com a venda de panos de pratos decorados e logo se prontificou em contribuir com a escola em proporcionar esses momentos de ensino aprendizagem.

A oficina foi realizada com bastante entusiasmo e a cada desenho concluído, era motivo de festa. Após a finalização, reuniam-se com o professor responsável por aquela temática e iam definir um valor acessível para a venda dos produtos na feira solidária.

3.1.8 Feira Solidária

A Escola Gilvan de Souza em um momento de definições para a conclusão dos resultados dessas oficinas reuniu os servidores e juntos alinharam seus pensamentos na criação de uma feira solidária, com o objetivo de proporcionar aos alunos um espaço onde poderiam apresentar suas produções a comunidade e consequentemente efetivar alguma venda ou encomendas dos produtos.

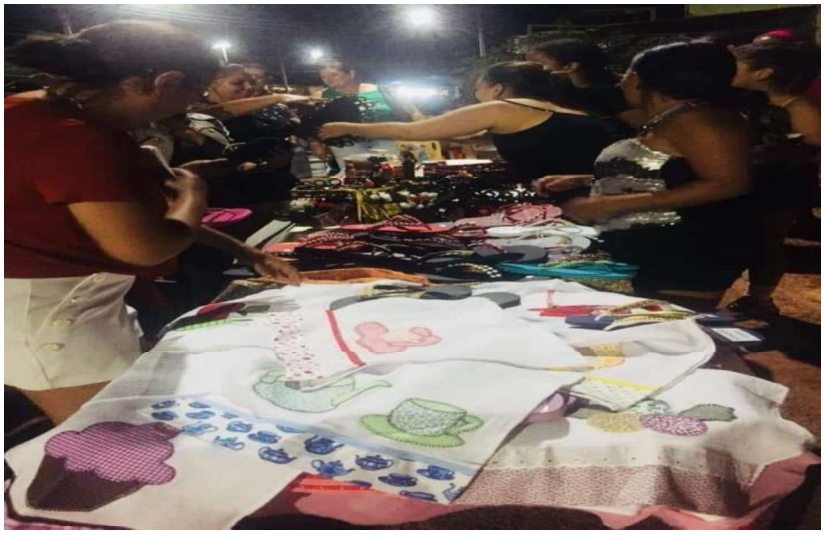
Figura 17 - Feira solidária na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

A combinação com os alunos era a divisão desses lucros. Uma quantia desses produtos ficava para a escola para a comercialização onde esse valor era utilizado na compra de materiais escolares ou passeio com os alunos, e a outra parte dos produtos ficavam com o aluno que o produziu, ficando também com o lucro das vendas. Com isso o engajamento nas produções e apresentações dos produtos era de todos os envolvidos. As figuras 18 e 19 demonstram esse momento de engajamento coletivo.

Figura 18 - Feira solidária na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

Figura 19 - Feira solidária na EE Gilvan de Souza



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

Então, todas as oficinas já citadas tinham seus grupos de alunos e juntos no mesmo ambiente apresentavam a comunidade seus produtos disponíveis a venda.

Todos com preços acessíveis. Apresenta-se então neste cenário, um grande desafio pedagógico para a escola, que é manter um olhar que frisa a solidariedade e nunca a competição financeira. Busca-se afirmação em Singer (2005, p. 12):

> A pedagogia da Economia Solidária requer a criação de situações em que a reciprocidade surge espontaneamente, como o fazem os jogos cooperativos. Importa aqui menos o aprendizado do comportamento adequado do que o sentimento que surge da prática solidária. Tanto dando como recebendo ajuda, o que o sujeito experimenta é a afeição pelo outro e este sentimento para muitos é muito bom.

Essa ideia foi ganhando forças com a parceria da escola com o Grupo de Mulheres Ribeirinhas, onde também em uma feira solidária foram apresentados produtos de artesanatos.

Neste momento houve uma troca de conhecimentos onde alunos e convidados apresentavam suas produções e explicavam como foi o processo, e manuseio na realização dos trabalhos. O ambiente ficou enriquecedor, e ao me dispor em apenas observar aquele movimento, pude me ver envolvida em um espaço multicultural onde o ciclo de saberes e fazeres tornavam aquelas noites uma das mais importantes para a Educação de Jovens e Adultos, fortalecendo as ideias das práticas de aprendizagens diferenciadas.

3.1.9 Coleta de Sementes

A Escola Gilvan de Souza ao longo de sua existência, sempre priorizou o fortalecimento da educação através de parcerias. Há na comunidade de Porto Alegre do Norte-MT, alguns grupos que lutam por justiças sociais e buscam na EJA esse elo a fim de promover e esclarecer aos alunos e comunidade, sobre Direitos e Cidadania. Pode-se citar alguns desses grupos que são: CPT, Direitos Humanos, Rede Sementes.

Os trabalhos desses grupos são voltados para a divulgação de informações necessárias para a proteção do direito do pequeno produtor, proteção contra a violência doméstica ou psicológica, preservação do meio ambiente e tantos outros direitos sociais que todo ser humano necessita para sobreviver em uma sociedade opressora.

Diante dessa parceria, foi realizada uma viagem com os alunos na chácara Terra Viva, para observarem um projeto de reflorestamento. O objetivo deste

projeto é manter o solo saudável, longe de agrotóxicos, e manter as plantas nativas que estavam sendo devastadas com a chegada da Soja. Para isso era preciso coletar sementes que iam auxiliar para o plantio e reflorestamento em outras regiões.

A Rede Sementes é a responsável por fazer essa transição. O grupo de posseiros são remunerados pela quantidade de quilos que conseguiam colher. Após esse esclarecimento sobre a importância dessa prática tanto para o meio ambiente quanto para a vida econômica, alguns alunos que tinham chácaras, resolveram fazer parte do projeto e com isso buscaram mais informações sobre os procedimentos a serem tomados.

Ao retornarmos para a escola, essa discussão sobre a importância de manter as plantas nativas ganhou mais forças e foi lançado um projeto para reflorestar um espaço no fundo do quintal da escola. Alunos e funcionários participaram desse plantio e tiveram momentos em que alguns alunos sentiram a necessidade de levar algumas mudas e plantar em seus próprios quintais.

Comparando com as reflexões de Freire (1979), onde evidenciava a necessidade de uma educação com os educandos e não para os educandos, as oficinas de economia solidária demonstraram que a eficácia neste modelo de ensino é muito mais abrangente e qualitativa. A EJA na visão de Paulo Freire (1996), compreendida dentro do campo da educação popular, constitui-se como um ato social, na qual os estudantes são sujeitos participativos e atuantes no processo de construção do conhecimento.

> Não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. [...] Dessa maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa é educado, em diálogo com o educador que ao ser educado também educa. Ambos, assim tornam-se sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem [...] (Freire 2002, p.68).

Com toda essa riqueza de conhecimentos e aprendizagens, permito-me a buscar as reflexões de D’Ambrósio (2008) ao apresentar a Etnomatemática e sua relevância no contexto escolar:

> A relação entre Educação Matemática e etnomatemática se dá naturalmente, pois etnomatemática é uma forma de se preparar jovens e adultos para um sentido de cidadania crítica, para viver em sociedade e

> ao mesmo tempo desenvolver sua criatividade. Ao praticar etnomatemática, o educador estará atingindo os grandes objetivos da Educação Matemática, com distintos olhares para distintos ambientes culturais e sistemas de produção. Justifica- se inserir o aluno no processo de produção de seu grupo comunitário e social e evidencia a diversidade cultural e histórica em diferentes contextos [...] (D'Ambrósio 2008, p.8).

O contexto social e cultural do aluno passa a ser incluído e valorizado em um ensino que utiliza de seu cotidiano, importantes componentes matemáticos.

Entende- se que o conhecimento informal é passado de geração a geração e incluir no espaço escolar, seria uma forma de enriquecer culturalmente o ensino e desenvolvê-lo com maior qualidade.

Neste sentido, percebe-se que as oficinas de economia solidária ofertadas pela EJA, na escola Gilvan de Souza, estão diretamente ligadas ao contexto da etnomatemática. As práticas pedagógicas desenvolvidas mostram que os professores possibilitam novos caminhos para a ampliação do conhecimento já adquirido pelo aluno ao longo da vida.

Outra parte interessante nesta dinâmica de ensino é o passeio que a matemática faz em todas as outras disciplinas. Ela envolve todas as áreas de conhecimentos de forma tão natural que mesmo as outras disciplinas utilizando métodos específicos, o processo e resultados estão ligados diretamente ao conhecimento matemático.

Fortalece-se esse pensamento em (D'Ambrósio 2008, p. 12), onde afirma que a matemática tem uma situação privilegiada, pois se relaciona com todas as áreas de conhecimento. Com isso esclarece também sobre a etnomatemática e suas funções pedagógicas:

> Etnomatemática não é uma nova disciplina. Assim, evita incorrer nos erros da educação tradicional, isto é, não é apenas ensinar teorias e práticas congeladas nos livros, esperando que o aluno seja capaz de repetir o que outros fizeram. A etnomatemática propõe uma pedagogia viva, dinâmica, de fazer o novo em resposta a necessidades ambientais, sociais, culturais, dando espaço para a imaginação e para a criatividade. É por isso que na pedagogia da etnomatemática, utiliza-se muito a observação, a literatura, a leitura de periódicos e diários, os jogos, o cinema etc. Tudo isso, que faz parte do cotidiano, tem importantes componentes matemáticos. (D'Ambrósio, 2008 p. 10).

Percebe-se que esses aprendizados ampliados e aprofundados, são muito importantes para a vida cotidiana dos alunos da EJA na escola Gilvan de Souza. Esses estudantes, ao adquirirem novas aprendizagens, passaram a utilizá-las para

benefício individual ou coletivo, tornando-se uma comunidade solidária, participativa, criativa e com capacidade de opinar e criar enredos para seu ensino e vivência.

3.1.10 Oficina da Horta e Viveiro

Essa oficina sempre é promovida ao longo dos 10 anos, a horta escolar, conta sempre com a participação dos alunos da EJA, do processo inicial, como também dos cuidados ao longo do ano letivo, a horta na escola atinge toda a comunidade, pois a comunidade vem na escola fazer colheita para sua família, independentemente de ser alunos ou não.

O processo da oficina, perpassa por estudos, palestras com a CPT, organização do local, preparação da terra, estercos e plantio. Nesse último ano, organizaram dentro da oficina da horta, a pinturas de pneus para ser canteiros.

A figura-20 apresenta o momento em que um grupo de alunos estão preparando o solo para a horta e viveiro de mudas. Enquanto o outro grupo apresentado na figura-21 estão recolhendo estercos para a adubação do solo.

Figura 20 - Oficina de horta e viveiro de mudas



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Figura 21 - Oficina de horta e viveiro de mudas



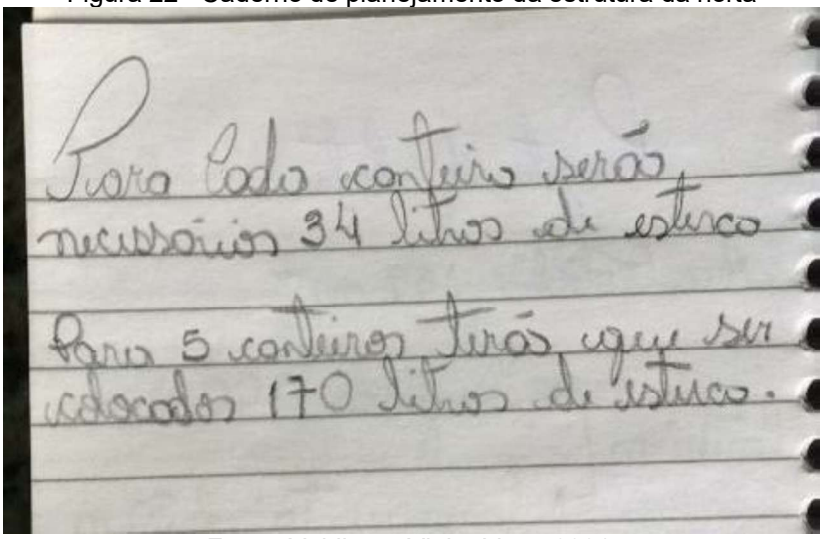
Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

3.1.11 Riscos que constrói

Todo planejamento da oficina foi coletivo, envolvendo profissionais da área, instituições parceiras e comunidade escolar. Objetivou dispor de 2 mil mudas para o viveiro. Viveiro esse que oportunizou aos estudantes levar mudas para a casa e pleitear construir seus próprios canteiros e a partir daí comercializar.

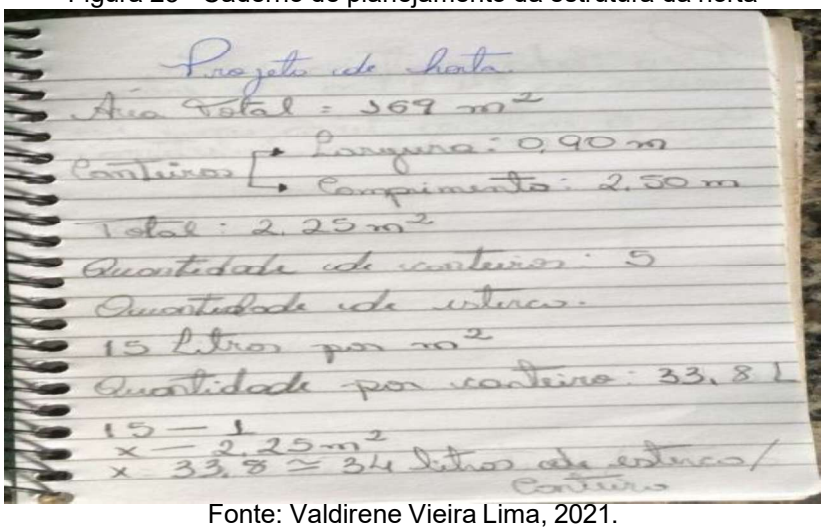
Os riscos materializaram-se no processo de estudos com alunos de cada cálculo, sistematização dos dados, compreensão das medidas, quantidade e manejo. Os estudantes conseguiram a partir dessa oficina construir sua própria horta em casa. Riscos esses que construíram a autonomia econômica desses estudantes.

Figura 22 - Caderno de planejamento da estrutura da horta



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Figura 23 - Caderno de planejamento da estrutura da horta



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Ao compreendermos a economia solidária como processo de valorização do ser humano e não do capital, estamos intensificando a ampliação da vida. Onde o trabalho se transforma como meio de libertação humana e processo de democratização econômica.

Dentro das etapas de produção da horta, estão também a preparação dos pneus como forma de canteiros. Nessas preparações cada aluno de maneira espontânea decora seu pneu de acordo com suas escolhas. Veja na figura 24.

Figura 24 - Oficina de horta, pintura dos pneus para plantação das hortaliças



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

3.1.12 Oficina de Grafite

“Nada é mais cruel que tratar com igualdade os desiguais” Emicida, 2021.

Evidenciando a arte da Rua, do gueto a escola fomentou e realizou a oficina de grafite, potencializando a expressão cultural também como meio de se solidarizar. Idealizado pela diretora da escola em 2021, a oficina almejou atingir e mobilizar a participação daqueles alunos que não se identifica com as outras oficinas, mas que tinha uma gama de vivencias artísticas nas escolas. Jovens oriundos da periferia carregados de potenciais humanitários, musicais e/ou habilidades culturais.

O processo foi constituído de compras de spray adequados para pinturas em paredes, lápis apropriados para desenho, pesquisas temáticas e aulas teóricas mostrando todo processo de construção da arte da rua, desmistificando os estereótipos acerca do grafite no nosso país.

Como estava próximo do Dia da Consciência Negra, a temática da oficina foi a cultura negra, desse modo, os grafiteiros tiveram que realizar buscas acerca das referências negras no Brasil e expressá-las na oficina. A oficina dentro da economia solidária possibilitou que estudantes que não acreditavam em si, despertassem para serem pintores na cidade, perceberam a capacidade que eles tinham e se lançaram no desafio.

Figura 25 - Diretora e idealizadora da oficina junto do painel da escola



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

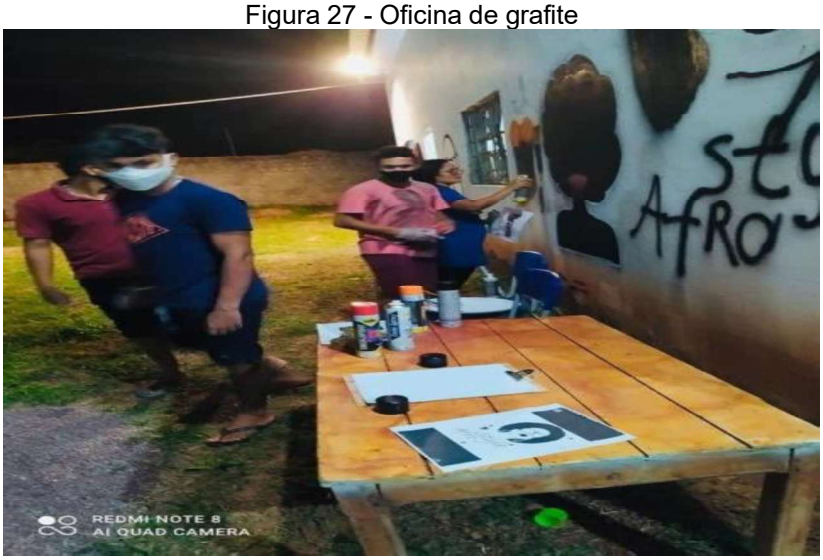
Figura 26 - Oficina de grafite



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Essa oficina veio com a intencionalidade de romper com a educação a serviço da dominação, evidenciando uma pedagogia decolonial, através de uma matriz afro nas oficinas que até então, não havia se atentado para essa necessidade. “Uma educação, pedagogia, escola ou currículo que busque firmar compromisso com a diversidade e combater as injustiças cognitivas/sociais” (Rufino 2019, p. 266). Manter esse compromisso é sempre semear a luta não somente por equidade, mas, por reparação.

Figura 27 - Oficina de grafite



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Impactou-nos nessa oficina a maestria do nosso aluno Jeferson, responsável pela oficina, nosso aluno, totalmente alheio aos estudos até aquele momento, se interpelou pela oficina a tal modo, que toda unidade escolar passou por um processo de encantamento social, Jeferson ia para escola meio-dia para organizar a oficina que ele ia ministrar a noite, deixou de perder aulas, se percebeu útil, e agregou a oficina a pinturas em pneus, artesanatos e outras. Habilidades essas que adquiriu enquanto esteve privado de liberdade.

Figura 28 - Estudante e artista Jefferson, em frente ao painel da escola



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

"É mais fácil matar um fantasma do que matar uma realidade" Virginia Woolf

A escola Gilvan de Souza, compreendeu que estava ali cumprindo sua missão enquanto instituição de inclusão, humanizadora e construtora de sonhos. Somente nesse processo de Solidariedade em comunhão conseguimos dar sentindo para ele ao que estava fazendo na escola, a economia solidária naquele ano, atingiu a máxima de Paulo Freire, libertou e emancipou nosso aluno, salvou vidas!

Entre fantasmas e realidades, nosso aluno oportunizou que as oficinas matassem preconceitos e estereótipos acerca de pessoas privados de liberdade. Agregou e inspirou pessoas, instrumentos, projetos e sonhos. As oficinas ao longo desses 10 anos, tratou os iguais de acordo suas singularidades, acreditando que para tratar todos com igualdade é preciso igualar as condições.

3.1.13 Oficina de Bijuteria com Sementes

A oficina de biju com sementes, contou com a participação significativa dos alunos especiais. Esses estudantes demostraram suas habilidades de concentração, minuciosidade e calmaria durante a oficina. Foram realizadas coletas de sementes na beira do Rio Tapirapé, na rua, quintais e demais lugares da nossa cidade. Os estudantes dia a pós dia chegavam com sacos de sementes e casca de arvores na escola.

Foram usados como instrumentos de construção dos bijus uma espécie de mini furadeira, spray, sementes, arames, linha de pescar e tesouras. Essa prática habilitou a autogestão, práticas participativas para gerir as atividades do grupo. Viabilidade econômica, união de esforços, a fim de viabilizando iniciativas coletivas do grupo. Solidarizando, a preocupação com o justo, a fim de proporcionar o bem-estar dos trabalhadores e consumidores envolvidos no processo.

A exposição dessa oficina se estendeu até o dia da Consciência Negra onde foram colocadas à venda numa banca com alunos vendendo. Resultou em uma professora levando até hoje essa prática de produção de biju, atualmente ela vende biju com capim dourado. Veja na figura-29 um desses momentos de produção coletiva.

Figura 29 - Oficina de bijuterias



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

3.1.14 Oficina de Flores Artesanais

A oficina de flores foi um trabalho desenvolvido pela professora de Língua Portuguesa, Edna Maria com a turma do Primeiro Segmento. Foi um momento de grande aprendizado onde o espírito coletivo, a persistência e a criatividade permaneceram desde o início até a conclusão da oficina.

Figura 30 - Oficina de flores artesanais



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

Nesta oficina, foram descobertos alguns talentos para a decoração. Algumas alunas ficaram muito satisfeitas com seus trabalhos que passaram a pensar na possibilidade de trabalhar com encomendas de flores para decoração de eventos. E com isso começaram a criar variados modelos de flores.

Figura 31 - Oficina de flores artesanais



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

3.1.15 Oficina de Bonecas

A Oficina de bonecas proporcionou as alunas, momentos emocionantes. Isso porque trouxe lembranças da infância onde elas mesmas produziam as roupinhas de suas bonecas e suas histórias iam sendo contadas no decorrer das atividades. Os materiais utilizados foram: EVA, isopor, palito de espetinho, alfinetes, cola quente, olhinhos, pincel e tesouras.

Figura 32 - Oficina de bonecas



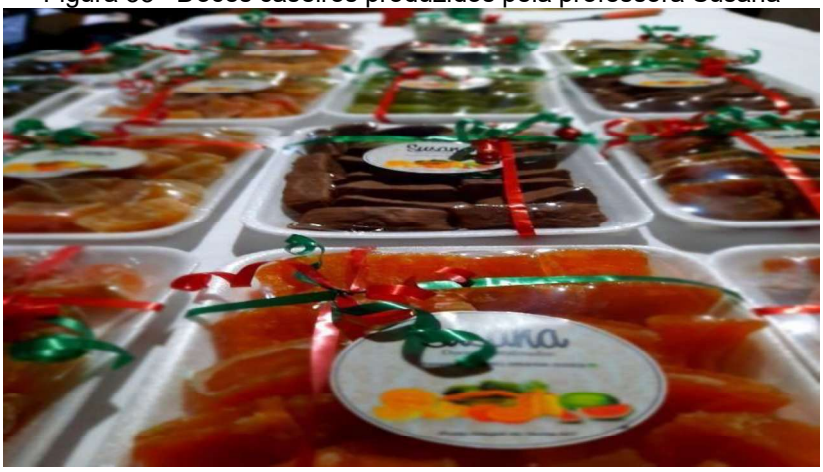
Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2018.

A oficina foi ministrada por outra aluna que já tinha experiência com esse trabalho. As bonecas foram produzidas para serem utilizadas como decoração de banheiro, papel toalha, enfeite em geladeira ou sala de estar e até mesmo para as alunas darem de presente para suas filhas.

4 QUIBANO SUBSTANCIAL DA EXISTÊNCIA ATUAL DE EX ALUNOS DA ESCOLA GILVAN DE SOUZA

A seguir, ousarei simbolizar uma pequena exposição da atual situação econômica e solidária de alguns desses ex-alunos e professores da escola Gilvan de Souza, promovendo um capítulo que se comunica pelas imagens, muito mais que pelas escritas. Desse modo, será um varal de exposição do que eles produzem atualmente e como estão organizados economicamente em algumas situações do cotidiano. Reforço que, a intenção é evidenciar as influências que as oficinas de economia solidária promovidas na escola ao longo desses anos, causaram para que nutrissem os alunos de possibilidades de desenvolvimento econômico.

Figura 33 - Doces caseiros produzidos pela professora Susana



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Figura 34 - Doces caseiros produzidos pela professora Susana



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

A professora Susana, desenvolveu habilidades na fabricação de doces caseiros e diante das discussões dentro do contexto da Economia Solidária iniciou o processo de comercialização como meio de sobrevivência durante a pandemia em 2021. Uma vez que, por ser professora interina, teve seu salário foi cortado. "*Na minha casa somos eu e meu esposo professores interinos, temos duas crianças para criar e, quando chegou a pandemia que nosso contrato foi cortado, recorri aos docinhos para ajudar ao menos nas pequenas despesas diárias*" (Entrevista, 2021).

Figura 35 - Produção de Sabão



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

A aluna Maria Cleide faz uso da fabricação de sabão caseiro cotidianamente e compartilha com algumas vizinhas e familiares na divisão desses produtos. Segue essa rotina em benefício econômico e financeiro. "*Eu não gasto com sabão não. Eu aprendi fazer sabão em pedaço, sabão líquido, em pasta. Quando vou fazer feira no mercado nem me esquento em comprar, os meus são muito melhores*" (Entrevista, 2021).

Figura 36 - Aluna fazendo a divisão do sabão produzido



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Figura 37 - Sabão dividido



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Cristiane atualmente é decoradora de Eventos, e já ministrou oficinas de decoração de unha e fabricação de bonecas com EVA na escola quando era aluna. "*Fui manicure por muitos anos, ainda sou, mas resolvi partir para outro ramo. Percebi que poderia abrir meu próprio negócio e aumentar minha renda. Está dando certo*" (Entrevista, 2021). Veja na figura – 38 a ex-aluna apresentando seu trabalho após realizar a decoração para um evento.

Figura 38 - Rede social da aluna Cristiane



Fonte: acervo da autora.

Ana Paula desenvolve trabalho como manicure e já ministrou oficinas de artesanatos com decoração de chinelos na escola quando estudou na EJA. Veja na figura-39 a ex - aluna ministrando as aulas sob o olhar atento das atuais alunas.

Figura 39 - Aluna Ana Paula



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

O aluno Cícero mora na chácara Vitória Régia e presta serviço fazendo cerca para a vizinhança. "*Eu ainda tô aprendendo a ler, mas como a senhora mesmo me falou professora, eu sou inteligente e tenho muitas inteligências. Aí tô usando minha inteligência em fazer cerca e tô ganhando meu dinheirinho e vivendo bem, mais minha veia, (*risos*)*". (Entrevista, 2021). Na imagem abaixo o aluno está realizando algumas atividades escolares em sua chácara, diante do ensino híbrido.

Eu enquanto sua professora percorria a cada 15 dias 14 km para levar suas

atividades escolares e recolher as outras.

Figura 40 - Aluno Cícero



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Referente ao seu material de trabalho o aluno apresentou uma ferramenta muito importante para o aperfeiçoamento dessas atividades, que é a esticadeira. O aluno relata que essa ferramenta ajuda a esticar o fio para que fique bem alinhado e o serviço tenha qualidade. Veja na figura - 41.

Figura 41 - Instrumento de trabalho – esticadeira



Fonte: Valdirene Vieira Lima, 2021.

Diante desses depoimentos, percebe-se que, as Oficinas Pedagógicas de Economia Solidária que a escola Gilvan de Souza desenvolveu ao longo desses longos anos, de maneira direta ou indireta, vem contribuindo para um firmamento

de ideia, que promove a liberdade de SER. “Depender basicamente de si mesmo, ser autônomo, é a primeira maneira, para um processo organizado, de ser ‘auto’, de ser ‘ele mesmo’, de ser inteligível a partir de si mesmo” (Debrun, 2009, p. 58).

Ser autônomo, ser incluso, ser visto é todo um lugar de firmamento que devemos promover na vida de nossos alunos. Parafraseando Silva; Severino-Filho (2021) gente simples, fazendo coisas pequenas, em espaços “não” importantes, pode conseguir resultados e mudanças significativas no campo da Educação Matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver o Projeto Pedagógico sobre Economia Solidária, durante consecutivos anos, percebe-se diante desta pesquisa que, os fazeres pedagógicos na escola contribuíram com o desenvolvimento de capacidades em alguns trabalhos e bem como solidificou o pensamento solidário em cada aluno que por ali passou.

A etnomatemática, com sua perspectiva de valorizar os conhecimentos matemáticos presentes em diferentes culturas e contextos, contribuiu com a economia solidária, ao reconhecer os saberes matemáticos dos grupos envolvidos em iniciativas que promovem o fortalecimento da autonomia, inclusão social e a superação das desigualdades.

Vale ressaltar que, apesar de se tratar de um tema que visa a criação de alternativas de sobrevivência através da criação de associações, cooperativas (MTE, 2008), o projeto de economia solidária na escola Gilvan de Souza, sempre foi voltado ao cenário pedagógico com a estratégia de contribuir com o desenvolvimento de habilidades e capacidades para a autogestão. Demonstrando ao aluno como suas ações cotidianas podem o beneficiar a partir do reconhecimento das variadas possibilidades de aprendizagem existentes em uma sociedade.

Considero então, que as *Oficinas de Economia Solidária* da escola Gilvan de Souza, além de modificar a vida cotidiana dos estudantes, modificam a própria escola e a comunidade de modo geral, alterando a forma como a comunidade a percebe e como ela se percebe na comunidade, apresentando novas perspectivas da educação escolar, impulsionando para que esses alunos assumam o protagonismo e passam a ressignificar sua própria organização econômica.

Protagonismo esse que combate o maior sistema do mundo de divisão de classes, pessoas, religião. São pessoas humildes, com saberes potentes caminhando lado a lado numa luta pela sobrevivência e igualdade que foram substanciados na educação de Jovens e Adultos, aprendendo a serem autônomos, criativos e críticos. Trabalhadores, lutando pela permanência e liberdade de consumir com qualidade e menor custo.

Perpassei, ao longo dessa pesquisa, um revisitar ao passado mais presente em toda minha vida profissional. Foi uma pesquisa que elementou tudo que fizemos e impactou na vida dos nossos alunos, que embora com objetivos claros, não teríamos nessas épocas a capacidade de mensurar o quão seria importante para cada um deles, inclusive que essas oficinas seriam meio de sobrevivência para um dos nossos colegas futuramente, até porque não se previa uma pandemia.

Esta pesquisa nutriu o sentimento de um esperançar educacional inigualável, onde pude perceber que as sementes das oficinas empoderaram os alunos quanto ao combate ao capitalismo imposto socialmente. A educação exerceu seu papel libertador e hoje alguns deles, deixaram de ser reféns de uma economia suprema e hierarquizada.

Percebi que as oficinas vitaminaram e encorajaram esses ex-alunos da atmosfera de maior intenção da escola Gilvan, a atmosfera solidária, Economia Solidária. Revisitando esses alunos, materializei o compartilhar de produtos entre famílias e vizinhos, esse era o foco das oficinas, perceber que em 2024 ainda tem alunos praticando o que aprenderam, traz um conforto para a alma da educadora sonhadora que sou.

Amargo a trágica dor do fechamento dessa escola em 2023. A escola Gilvan de Souza acaba de ser destituída, desligada como diz a SEDUC-MT. O símbolo que proporcionou esse atual processo de sobrevivência, foi desligada como se desliga uma TV. Os laços ali construídos e saberes construídos não serão capazes de silenciar, anular ou esconder. A EJA é como direito achado na rua, estaremos em qualquer lugar, a luta se faz de modo constante, independentemente de onde nós fazemos presente.

REFERÊNCIAS

CANUTO, Antônio. **Resistência e luta conquistam território no Araguaia Mato- grossense**. São Paulo: Outras Expressões, 2019.

DANTAS, Tânia Regina; *et al*(Orgs.).**Paulo Freire em diálogo com a educação de jovens e adultos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação matemática:** da teoria a prática. Campinas: Papirus, 1996. (Col. Perspectiva em educação matemática).

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005.Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27965.. Acesso em: 24 dez. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. Pedagogia das encruzilhadas. **Periferia**, *[S. l.]*, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2018. DOI: 10.12957/periferia.2018.31504. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/31504. Acesso em: 24 dez. 2024.

KRUPPA, Sonia M. Portella(Org.)**. Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: INEP, 2005.

MENEGHETTI, Renata Cristina Geromel. Educação matemática e economia solidária: uma aproximação por meio da etnomatemática. **Revista Latino-americana de Etnomatemática**, v. 6, n. 1, p. 40-66, 2013. Disponível em: http://www.revista.etnomatematica.org/index.php/RLE/article/view/55. Acesso em: 24 dez. 2024.

MENEGHETTI, Renata Cristina Geromel; GARGARELLA, Bruna Camila. Etnomatemática e economia solidária na educação especial de adultos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. 12.,2016. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2016.

MINAYO. Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Ednalva Felix das. Economia solidária e empreendedorismo: uma análise preliminar. **Economia e Desenvolvimento,** Santa Maria, v. 31, p. e11, 2019. DOI: 10.5902/1414650936337. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/36337. Acesso em: 24 dez. 2024.

SANTOS, Moacir José dos; CONCEIÇÃO, Alan Alves Brito; VIEIRA, Edson Trajano. **Economia solidária:** alternativa para o desenvolvimento regional e a

inclusão produtiva. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONALSOBRE DESENVOLVIMENTO
REGIONAL. 7., 2015. Santa Cruz do Sul. **Anais...**Santa Cruz do Sul: UNISC, 2015.

SILVA, Adailton Alves da; SEVERINO-FILHO, João; FERREIRA, Lucimar Luisa (Orgs.). **Etnomatemática:** os múltiplos olhares para os saberes locais. Tangará da Serra: Editora Tangará, UNEMAT, 2021.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo. **A economia solidária no Brasil:** A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

ZART, Laudemir Luiz. Modos de desenvolvimento, movimentos sociais e economia solidária: análise de ações coletivas nos processos de formação social. **Revista de Estudos Sociais**, Cuiabá, v. 24, n. 49, p. 193-206, 2024. DOI: 10.19093/res15057. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/15057. Acesso em: 24 dez. 2024.